



FAMÍLIA BERALDO

32^a Á 33^a GERAÇÃO

Quarto Volume

Copyright © Wanderley Beraldo.
2016 - Todos os direitos reservados.
2024 - Edição Revista

Beraldo, Wanderley.

Família Beraldo: Volume IV / Wanderley Beraldo.

1ª.ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2016.

2ª.ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2024.

Genealogia. Famílias Mineiras.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização do autor. (*Lei nº 9.610 de 19.2.98*)

Contato com o autor:

E-mail: wanderleyberaldo@hotmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/adm.beraldo/>

1. Os nomes com (*) são daqueles que não conseguimos evoluir nas pesquisas e não encontramos a sua ascendência.
2. Os nomes com (#) são daqueles que já foram citados e a numeração indica onde eles foram inseridos pela primeira vez.

HERDEIROS DAS SERRA DO CARACOL

O presente trabalho não teve e nem tem a pretensão de ser integralmente assertivo, mas foi elaborado através de cansativas pesquisas, que perduraram por algumas décadas, com análises de registros escritos, em fontes primárias e secundárias, citadas ao final desse volume e também no contexto de conversas com os mais antigos.

A intenção foi de retratar, ao longo do tempo, a evolução da Família Beraldo, descendente dos povoadores da região de Andradas, antiga (Samambaia, São Sebastião do Jaguary, Caracol), podendo portanto vangloriar-se de ser parte dos verdadeiros herdeiros da Serra do Caracol.

Além de enumerar os ascendentes descobertos nas pesquisas, elaborando uma detalhada árvore genealógica da família, descreve, na medida do possível, as histórias dos personagens.

Sabemos que em tempos antigos, as vezes a realidade se confunde com mitos e tradições, porém, além de ser um atrativo para a curiosidade dos interessados em genealogia, é um retrato histórico e mítico da saga de uma família, através das épocas mais remotas até os nossos dias, perfazendo seus deslocamentos através dos continentes até chegar a região do sudoeste mineiro.

É uma pequena contribuição, em contraposição ao tamanho e a grandeza dessa família.

*Nessas duas gerações são listados **1.351** membros, perfazendo **5.967** nessas 33 gerações.*





TRIGÉSIMA SEGUNDA GERAÇÃO

216314 9440. ANSALDO DORIA

CONSUL DE GÊNOVA

Nasceu cerca de 1110 e morreu depois de 1163. Foi um estadista genovês e comandante da nobre família de Doria. Ele serviu vários mandatos como cônsul genovês no período 1134–1160. Em 1147, foi eleito com três de seus co-cônsules para liderar uma força contra os almorávidas em Almería, Genova tendo sido convocada pelo papa para ajudar a aliviar a cidade do controle muçulmano. Encabeçado por Castela, o cerco que se seguiu durou três meses, de agosto a 17 de outubro de 1147, quando a cidade foi tomada. Em 1157, foi enviado com Guglielmo Vento para a Sicília para negociar um tratado com o rei Guilherme I. O objetivo era garantir que os interesses genoveses no Mezzogiorno fossem protegidos e que seu acesso aos principais portos, como os de Messina e Palermo, fosse protegido. Esses privilégios foram concedidos sob o entendimento de que os bens genoveses estavam sujeitos a tarifas. Ansaldo faz sua última aparição em registros em 1174. Não se sabe ao certo quanto tempo ele viveu além desse ponto. Embora numerosos genealogistas relatem que ele era casado com Anna Grimaldi, filha de Niccolò, não há documentos contemporâneos para comprovar isso.

Marido de *Anna Grimaldi* de quem teve: **Simone Doria**; Enrico Doria e Guglielmo Doria.

216314 9441. ANNA GRIMALDI

Nasceu entre 1085 e 1135.

216324 7784. **Pedro Nunes Ribeiro** # 7774 4954
216324 7785. **Maria Soares Velho** # 7774 4955

Pais de **Afonso Pires Ribeiro**

216324 7786. **Raimundo Viegas de Sequeira** # 27046 9058
216324 7787. **Maria Anes** # 27046 9059

Pais de **Maria Viegas de Raimundo Viegas de Sequeira**

216324 7898. **Ermigo Pais de Matos** # 3896 3584
216324 7899. **Mécia Soeiro Cardoso** # 3896 3585

Pais de **Teresa Afonso do Amaral**

216324 7902. PEDRO MARTINS CAFRÃO *

Nasceu antes de 1250.

Marido de *Maria* de quem teve: **Sancha Pires de Mozelos.**

216324 7903. MARIA N. *

Nasceu antes de 1250.

216324 7920. **Pedro Soares Velho** # 8452512
216324 7921. **Maria Vasques** # 8452513

Pais de **Martim Peres Zote**

216324 7922. **Vasco Pires Dulgues** # 1948 1806
216324 7923. **Maior Peres Pereira** # 1948 1807

Pais de **Maria Vicente de Urgueses**

216324 7932. **Godinho de Coimbra** # 31100 3380
216324 7933. **Maria Nunes de Gusmão** # 31100 3381

Pais de **Vicente de Coimbra**

216324 8034. **Rui Gomes Tella** # 1948 1838
216324 8035. **Teresa Gonçalves de Sá** # 1948 1839

Pais de **Aldonça Rodrigues Telha**

216324 8036. RODRIGO ANES DE MENEZES

3º Senhor de Albuquerque. Nasceu cerca de 1245. “Volviendo aora al hermano mayor de Don Gonzalo Añez el Rapofo, que fue Don Rodrigo Añez primogenito de Don Juan Alonfo Tello de Menefes, Alferez mayor del Rey Don Dionis, fue este Cavallero Señor de Alburquerque en fuccecion á fus tios Don Alonfo Tello y Don Tello Alonfo, que eran hermanos mayores que fu padre y de anterior matrimonio. Cafó Don Rodrigo Añez con Doña Terefa Martinez de Soverofa: tuvieron por hijo al Conde Don Juan Alonfo de Portugal, que cafó con Doña Terefa Sanchez, hija del Rey Don Sancho el Bravo, de quien tuvo folamente dos hijas: la una fue Doña Terefa, cafada con Don Alonfo Sanchez, hijo del Rey Don Dionis, y fueron padre de Don Juan Alonfo de Alburquerque el de el Ataud; y la otra fue Doña Violante, cafada conn elñ Conde Don Martin Gil de Soufa, fin hijos.] (História de la Muy Ilustre Casa de Sousa Capitulo XI. Del Conde Don Mendo Gonzalez de Sousa, Undecimo progenitor de esta Casa. Págs 139 y 140). [Rodrigo Yañez de Menefes Señor de Alburquerque (dize el Conde don Pedro) que cafô con doña Terefa Martinez hija de don Martin Gil y de doña Ines Fernandez de Caftro, en quien tuvo a don Iuan Alonfo. Nobleza del Andaluizia Por Gonçalo Argote de Molina, Sevilla 1588. De el Linaje de Don Tello Alonfo de Menefes, y de fus Armas, y la memoria que del â quedado”. (Cap. LXXXVII. Págs. 89 y 90)

Marido de Teresa Martins de Soverosa de quem teve: **Juan Alfonso Téllez de Meneses.**

216324 8037. TERESA MARTINS DE SOVEROSA

Nasceu cerca de 1250.

216324 8038. Sancho IV de Castela # 3380 0768

216324 8039. Maria Afonso Teles de Menezes # 6760 1803

Pais de **Teresa Sánchez de Castela**

216324 8040. Martins Pires Botelho # 1690 4448

216324 8041. Joana Martins de Parada # 1690 4449

Pais **Martim Barba**

216324 8042. Vasco Martins de Resende # 7774 4230

216324 8043. TERESA RODRIGUES RIBEIRO

Nasceu cerca de 1290.

Esposa de *Vasco Martins de Resende* de quem teve: **Inês Vasques**.

216324 8064. Martim Viegas de Ataíde # 17195 4206

216324 8065. Maria Giraldes # 17195 4207

Pais de **Egas Moniz de Ataíde**

216324 8068. Mem Gonçalves da Fonseca # 1943 6132

216324 8069. Maria Pires de Tavares # 54081 1947

Pais de **Fernão Mendes da Fonseca**

216324 9168. FREDERICO I DA SUÁBIA

DUQUE DA SUÁBIA

(*Frederick, Friedrich*). Nasceu cerca de 1050 em Hohenstaufen, Suábia, Baviera, Alemanha e faleceu em 21 de julho de 1105 em Hohenstaufen, Suábia, Baviera, Alemanha. Foi duque da Suábia desde 1079. Pertencia a Dinastia dos Staufen. - Início de uma Dinastia: Provavelmente antes de ser duque, Frederico foi conde e durante os anos à frente do condado Frederico deu início à ampliação do seu poder. Mandou construir na montanha de Hohenstaufen um castelo com o destino de ser a sede e o centro da sua dinastia. Assim o Castelo que foi denominado de Castelo de Hohenstaufen, foi a sede desta dinastia e também da de Staufen. Deu igualmente início à transformação de um castelo em Lorch num mosteiro beneditino, que foi o mosteiro privado da sua Dinastia. Ainda nessa altura o território dos Staufen era ainda pequeno, pois na altura apenas controlava o chamado Stauferland, junto à montanha Hohenstaufen e os territórios de Hildegard na Alsácia, de Schlettstadt com o Castelo de Hochkönigsburg e poucos mais territórios próximos de Heganau. Duque de Suábia: Durante a rebelião dos nobres liderados por Rodolfo de Rheinfelden, conde de Rheinfelden, contra o Imperador do Sacro Império Romano Germânico Henrique IV, em 1077, os Staufen permaneceram leais à casa real. No começo de 1079, um filho de Rodolfo de Rheinfeld, Bertoldo de Rheinfelden, foi eleito pela oposição da nobreza como duque da Suábia, no entanto Henrique,

pouco depois da Semana Santa desse mesmo ano, nomeou Frederico como duque, e prometeu a Frederico sua filha Inês da Alemanha em casamento, tendo na altura a menina apenas 7 anos. O casamento foi celebrado em 1086 ou 1087. Nos anos seguintes nenhum dos duques dominam por completo os seus ducados. Acontece então que em 1097, o Imperador Henrique assinou a paz com Bertoldo de Zähringen, sucessor de Bertoldo de Rheinfelden, continuava assim a divisão do ducado por dois duques, fato que só ficou resolvido a quando da morte de Frederico. - Morte e legado: Frederico continuou a expansão dos seus territórios até à data da sua morte. Em Pfalz proclamou-se alcaide (*Vogt*) do mosteiro de Weißenburg e do convento Espira. Ao Sul, chegou a ter o controlo sobre Ulm e sobre algumas partes da outra margem do Danúbio.

Marido de Judith, sem filhos. E de *Inês da Alemanha*, em 1084, de quem teve: Heilika de Staufen; **Frederico II da Suábia**; Conrado III, Rei de Alemanha; Richilde de Hohenstaufen; Kunigunde de Hohenstauffen; Luitgarde de Schwaben e Sophia de Hohenstaufen.

216324 9169. INÊS DA ALEMANHA

(*Agnes*). Nasceu em 1072 em Klosterneuburg, Niederösterreich, Áustria e faleceu em 24 de setembro de 1143 em Klosterneuburg, Wien-Umgebung, Baixa Áustria.

Esposa ainda de Leopold III der Heilige de Österreich de quem teve: Adalberto de Áustria de Babenberg; Henrique II de Babenberg; Leopoldo IV de Babenberg; Bertha de Riedenburg; Otto de Áustria; Agnes de Babenberg; Ernst de Áustria; Judit-Jutta de Österreich-Babenberg; Gertrud de Österreich-Babenberg; Uta de Peilstein; Elisabeth de Österreich-Babenberg e Margaret de Österreich-Babenberg.

216324 9170. HENRIQUE III WELF DA BAVIERA DUQUE DE BAYERN

(*Henry, Heinrich III de Bayern, der Schwarze*). O Negro. Nasceu cerca de 1074 em Alemanha e faleceu em 13 de dezembro de 1126 em Ravensburg, Donau, Württemberg, Alemanha e foi enterrado em

Weingarten, Baden-Württemberg, Alemanha. Tornou-se um monge em Ravenburg, um irmão leigo em sua própria fundação.

Marido de *Wulfhilde de Saxônia* de quem teve: Konrad de Bayern Welfen; Heinrich X de Bayern; **Judite Welf da Bavária**; Sofie de Zähringen; Mathilde de Bayern; Welf-Guelph VI de Bayern; Wulfhild de Bregenz-Pfullendorf; Adalbert de Bayern; Conrad, monge; Maria da Bavária e Adalbert, pároco de Corvey.

216324 9171. WULFHILDE DA SAXÔNIA

(*Wulfhild, Ulfhilde, Wolfhildis*). Nasceu em 1071 em Saxônia, Alemanha e faleceu em 29 de dezembro sw 1126 em Altdorf, Böblingen, Baden-Wurttemberg, Alemanha e foi enterrada em Altdorf, Uri, Suíça.

216324 9172. ESTEVÃO I DE BORGONHA

CONDE PALATINO DA BORGONHA, MACON, VARASQUE E VIENA

(*Etienne*). O Cabeça Quente. Nasceu em 1065 em Borgonha, Marne, França e faleceu assassinado em 27 de maio de 1102 em Askalon, Palestina. Cruzado, participou na Cruzada de 1101, ajudando com a captura de Ancyra e lutando na desastrosa batalha de Mersivan. Também conhecido pela alcunha em francês "*Tête Hardi*", o Cabeça Dura, foi conde da Borgonha na ausência do seu irmão Reinaldo III da Borgonha, Conde de Borgonha, e conde de Macon e conde de Viena. Em 1097, o seu irmão, o conde Reinaldo II, Conde da Borgonha, confiou-lhe a regência do condado, sendo que com 32 anos, e por direito próprio da sucessão ele tornou-se, após a morte do seu irmão Reinaldo II, conde da Borgonha. O irmão morreu durante a Primeira Cruzada, que se estendeu de 1096 a 1099. Estêvão por sua vez partiu também em cruzada para a Terra Santa, onde morreu em 1102.

Marido de *Béatrice Clémence de Vaudémont*, em 1090, de quem teve: Guilherme III de Borgonha; **Reinaldo III da Borgonha**; Marguerite de Borgonha e Élisabeth de Borgonha.

216324 9173. BÉATRICE CLÉMENCE DE VAUDÉMONT

Nasceu em 1060 em Lorena, França e faleceu em 1117 em Borgonha, França.

216324 9174. SIMÃO I DE LORENA

DUQUE DA LORENA

(*Simon*). Nasceu em cerca de 1096 em Lorena, França e faleceu em 13 de janeiro de 1139 em Nancy, Meurthe-et-Moselle, Lorena, França e foi enterrado em originalmente em Saint-Dié-des-Vosges, Lorena; depois em Sturzelbronn, Lorena, Sacro Império Romano. Duque da Lorena de 1115 até sua morte. Continuou a política de amizade com o Imperador do Sacro Império Romano. Acompanhou Henrique V à Dieta de Worms, que pôs fim à Questão das Investiduras. Teve relações tempestuosas com os episcopados de seu domínio, combatendo Estevão de Bar, bispo de Metz, e Albiero, arcebispo de Trier, ambos aliados do Conde de Bar, cuja reivindicação do ducado da Lorena contra o pai de Simão fora reprimido pelo pai de Henrique V, Henrique IV. Apesar de Albiero ter lhe dado a excomunhão, em 1132, o papa Inocêncio II a suspendeu. Amigo de Bernardo de Claraval, construiu muitas abadias em seu ducado, incluindo a de Sturzelbronn, em 1135, onde seus restos mortais foram sepultados.

Marido de Marguerite de Hénin-Liétard de quem teve: Baudouin d'Alsácia. E de *Adélaïde de Louvain* de quem teve: Roberto de Flandres; Hedwig de Lorena; Mathieu I de Lorena; Mathilde de Lorena; Balduis de Lorena, bispo de Metz; Jean, Duque de Lorena; **Ágata de Lorena**; Berthe de Lorena; Frederico Barbaroxa; Matias e João.

216324 9175. ADELAIDE DE LOUVAIN (Freira)

(*De Hainault*). Nasceu cerca de 1090 em Hainaut, Bélgica e faleceu em 4 de novembro de 1158 em Nancy, Meurthe-et-Moselle, Lorena, França e foi enterrada em Rollainville, Lorena, França. Freira na Abadia de Tart.

216324 9176. CONSTANTINO ANGELOS

(*Κωνσταντῖνος Ἄγγελος*). (*Konstantinos Angelus de Constantinopla*). Nasceu cerca de 1100 em Constantinopla, Império Bizantino e faleceu em 1166 em Constantinopla, Império Bizantino. Foi um aristocrata bizantino que se casou com um membro da dinastia comnena e serviu como comandante militar sob Manuel I Comneno, servindo no ocidente e no norte e oeste dos Bálcãs como almirante contra os

normandos. Foi o fundador da dinastia Ângelo, que governou o Império Bizantino em 1185-1204 e fundou e governou o Despotado do Epiro (1205-1318) e o Império de Salônica (1224-1242/1246). Nasceu no seio de uma obscura família da aristocracia local de Filadélfia. O sobrenome da família, Ângelo, é comumente visto como uma derivação da palavra grega para anjo, mas essa origem é raramente atestada nos tempos bizantino e é mais provável que o nome deles derivou de Angel, um distrito próximo de Amida na Mesopotâmia Superior. A historiadora Suzanne Wittek-de Jongh sugeriu que Constantino foi o filho de um certo patrício Manuel Ângelo, cujas propriedades próximas de Serres foram confirmadas por uma bula dourada do imperador Nicéforo III, mas isso é improvável. Apesar de sua origem humilde, Constantino foi relatadamente bravo e de grande beleza, e conseguiu ganhar o coração de Teodora Comnena, nascida em 1097, a quarta filha do imperador Aleixo I e Irene Ducena. Teodora já havia se casado certa vez com Constantino Curtices, mas seu marido havia morrido sem descendência. O casamento provavelmente ocorreu em ca. 1122, certamente após a morte de Aleixo I; a imperatriz Irene aparentemente desaprovou-o, e esse matrimônio parece ter azedado o relacionamento entre ela e Teodora, que é listada por último e com as provisões menos favoráveis na herança que Irene conferiu ao Mosteiro Cécariotomene. O casamento de Constantino retirou-o da obscuridade e lhe permitiu obter o título de sebastohipertato, uma das dignidades bizantinas mais elevadas, dado aos esposos das filhas mais novas do imperador. A posição pode ter sido criada especificamente para Constantino, pois ele é um dos primeiros dois titulares registrados. Suas atividades durante o reinado do irmão de Teodora, João II Comneno, são desconhecidas, mas ele, como seus irmãos Nicolau, João e Miguel, gozaram do favor do filho e sucessor de João, Manuel I Comneno. Assim, em 26 de fevereiro de 1147, ele participou no Concílio de Blaqueria que depôs o patriarca constantinopolitano Cosme II Ático, onde foi colocado no quarto lugar na lista de participantes, atrás apenas do herdeiro-aparente, o déspota Bela-Aleixo, o César João Rogério Dalasseno e o panipersebasto

Estêvão Contostefano. No verão de 1149, ele acompanhou Manuel em sua campanha na Dalmácia. Depois de Manuel capturar a fortaleza de Razon, Constantino foi deixado para guardar a área, e lançou uma expedição no vale do Nichava. Em 1154, como Manuel se preparava para guerrear contra Guilherme II da Sicília, ele nomeou seu tio como comandante da frota bizantina e ordenou-o que prosseguisse para Monemvasia, onde esperou mais reforços. Constantino, contudo, foi persuadido por seus astrólogos que se ele atacasse os sicilianos ele venceria. Desobedecendo as ordens imperiais, ele atacou uma frota siciliana muito maior que retornava de um raide contra o Egito fatímida. No confronto, os bizantinos foram derrotados e muitos de seus navios foram capturados. Seu irmão Nicolau conseguiu escapar com um punhado de navios, mas Constantino foi capturado e preso em Palermo até 1158, quando Manuel concluiu um tratado de paz com Guilherme. Em junho ou julho de 1166, Manuel incumbiu ele e Basílio Trípico com a missão de reparar e fortificar as fortalezas de Zemun, Belgrado e Nis, bem como fortalecer a generalidade da fronteira do Império Bizantino com o Reino da Hungria ao longo do curso médio do Danúbio. Como parte deste processo, organizou o reassentamento de Branichevo. A data de sua morte é desconhecida; sua esposa possivelmente morreu antes dele, pois é mencionada pela última vez em 1136. De acordo com o quase contemporâneo Niketas Choniates, Constantino era valente, hábil e bonito, mas de origem humilde. Começando com Du Cange, muitos historiadores mais antigos distinguiram duas pessoas de mesmo nome, uma vez que um nobre menor chamado Constantino Ângelo, da Filadélfia, casou-se com a quarta filha de Aleixo I e recebeu o título de pansebastohipertato, enquanto que Constantino Ângelo, tio de Manuel I, é registrado nas fontes como sebastohipertato. Contudo, em 1961, Lucien Stiernon demonstrou que as duas pessoas eram de fato a mesma, com pansebastohipertato sendo meramente um aumento retórico do título.

Marido de N. da Alania e Qirwerne de não teve filhos. E de Irene Volodarevna Kiev, Princesa de Przemysl de quem teve: N. Comnenos; Theodora Kalusine Comnena; Helena Komnene; Eudokia Komnene; Maria e Anna Komnene. E de *Theodora Comneno* de quem teve:

Andronikos Doukas Angelos; Ioannes Doukas Angelos; Alexios Komnenos Angelos; Eudokia Angelina; Zoe Angelina; Maria Angelina e Isaakios Angelos. Através de seus filhos, Constantino foi o progenitor da dinastia Ângelo, que produziu três imperadores bizantino em 1185–1204, bem como a dinastia Ângelo Comneno Ducas que governou o Epiro e Salonica nos séculos XIII-XIV.

216324 9177. TEODORA KOMNENOS

PRINCESA BIZANTINA

(*Φεοδώρα Κομνηνή*). (*Theodora Komnene Angelina*). (*Porphyrogenita*). Nasceu em 15 de janeiro de 1096 em Constantinopla, Império Bizantino e faleceu em 20 de fevereiro de 1126 em Constantinopla, Império Bizantino. Foi uma princesa bizantina, quarta filha do imperador Aleixo I Comneno e Irene Ducena. Os imperadores bizantinos Aleixo III Ângelo e Isaac II Ângelo eram seus netos, fazendo dela uma ancestral da dinastia dos Ângelos. O historiador bizantino Nicetas Coniates nomeia "*Theodoram Alexii avi Manuelis filiam*" como esposa de "*Constantium Angelum*".

Esposa ainda de Konstantine Kourtikes, sem filhos.

216324 9178. TEODORO KASTOMONIDES *

(*Θεόδωρος Κασταμονίτης*). Nasceu cerca de 1099 e faleceu em 1180.

Marido de *Qirwerne* de quem teve: **Eufrosina Kastomonides**.

216324 9179. QIRWERNE N.

Nasceu em 1099.

Esposa ainda de Konstantinos Angelus de Constantinopla, sem filhos.

216324 9180. ALEIXO PALEOLOGOS

(*Alexios Dukas*). Nasceu cerca de 1096 em Constantinopla, Turquia e morreu cerca de 1143.

Marido de *Ana Comneno Doukas* de quem teve: **Jorge Palaiologos Komneno Doukas**; N. Palaiologina; Constantine Doukas e Bryennia. E de Anna Palaiologos, sem filhos.

216324 9181. ANA COMNENO DOUKAS

Nasceu cerca de 1100 em Constantinopla, Turquia e morreu cerca de 1120.

216324 9182. JADAROS BAGRATUNI

Nasceu antes de 1157.

Marido de *Rusudan Bagratuni* de quem teve: **Aspae Bagratuni**.

216324 9183. RUSUDAN BAGRATUNI

Nasceu entre 1078 e 1138.

216324 9190. WLADYSLAW II DA POLÔNIA DUQUE DA POLÔNIA E DA SILÉSIA

(*Wladyslaw II Wygnaniec, Piast, Vladislao, von Polen*). O Exilado. Nasceu em 1105 em Cracóvia, Malopolska, Polônia e faleceu em 30 de maio de 1159 em Altenburg, Thuringia, Alemanha e foi enterrado na Capela da igreja St Bartholomeu no castelo de Altenburg. Foi um duque da Polônia e duque da Silésia de 1138 até sua expulsão em 1146. Ele é o progenitor dos Piasts da Silésia. - Governador da Silésia: Como filho primogênito, o pai de Wlameslaw decidiu envolvê-lo ativamente no governo do país. Alguns historiadores acreditam que Boleslaw III deu a Wdameslaw o distrito de Silésia antes de sua morte, a fim de criar um feudo hereditário para seu primogênito. Cerca de 1125, Wdameslaw se casou com Inês de Babenberg, filha do marquês Leopoldo III da Áustria, essa união deu-lhe uma ligação estreita com o Sacro Império Romano e o Reino da Alemanha: Inês por sua mãe era neta do imperador Henrique IV e uma meia-irmã do duque da Francônia, Conrado III de Hohenstaufen, rei depois da Alemanha. Graças a Wladislaw, a Silésia foi gravada durante as guerras de 1133-1135 com a Bohemia: ele parou a destruição das grandes áreas de seu bairro depois que as forças bohemias cruzaram o rio Oder. Em 1137, durante o encontro de Pentecostes, com Duque Sobeslaus I da Boêmia em Niemcza, outras fontes mencionam Klodzko, em que várias questões controvertidas foram decididas, Wladislaw ficou como padrinho de batismo do filho mais novo de Sobeslaus, o futuro duque Venceslau II. - Alto Duque da Polônia: O Duque Boleslaw III morreu em 28 de outubro de 1138. Em seu testamento, ele procurou manter a

unidade do território polonês, bem como para evitar conflitos de herança entre seus filhos. Ele, portanto, determinou um tipo de mitigada primogenitura: Como o filho mais velho, a autoridade suprema do país foi atribuída à Wladislaw com o título de Duque de alta “*princeps*”. Além disso, ele recebeu o senhorio central da província da Silésia, que se estendia desde a Pequena Polônia em Cracóvia ao leste da Grande Polônia e oeste Cujávia, bem como a autoridade sobre as terras pomerelianas em Gdansk sobre o Mar Báltico. Seu meio-irmão mais novo, Boleslaw IV do Curly e Mieszko III receberam o Ducado leste da Mazóvia, composto da Mazóvia com Cujávia oriental e o Ducado oeste da Grande Polónia, as restantes partes da Grande Polónia com Lubusz Land, bem como, respectivamente, todos os feudos hereditários. Após a morte da viúva de Boleslaw Salomea de Berg, Wladislaw também recebeu a “*wdowia oprawa*”, uma espécie de usufruto de pensões, retomando o senhorio de Leczyca. Por outro lado, ele era obrigado a fornecer ao meio-irmão mais novo, Henrique, as terras de Sandomierz quando ele atingisse a maioridade. O distrito, no entanto, não foi separado do senhorio, até 1146. O mais novo de seus meios-irmãos, o último Alto Duque Casimiro II, o Justo não recebeu qualquer província, especula-se que ele nasceu depois da morte de Boleslaw III. Na época da morte de seu pai, Ladislau já era um adulto, com muitos anos de casamento e pelo menos um filho sobrevivente, Boleslaw I, o Alto, nascido em 1127, a data de nascimento do segundo filho, Mieszko Tanglefoot IV, ainda é discutível e varia entre 1130 e 1146. Seguindo os exemplos dos seus antecessores Boleslaw I Chrobry em 992, Mieszko II Lambert em 1032, e seu próprio pai, em 1106, o Duque de alta quase que imediatamente tentou restaurar a unidade do país. Dada a sua experiência de vida e liderança militar, que era geralmente esperado que, no final, ele seria bem-sucedido. - Os primeiros conflitos com os jovens duques: As disputas de Wladislaw com sua madrasta Salomea e seus meios-irmãos começaram abertamente em 1141, quando a duquesa viúva, sem o conhecimento e consentimento do duque de alta, começou a dividir sua província de Leczyca entre seus filhos. Além disso, ela tentou resolver o casamento de sua filha mais nova de

Agnieszka e, portanto, para encontrar um aliado adequado para seus filhos. O candidato mais apropriado para um filho de lei tinha de ser um dos filhos do Grande Príncipe Vsevolod II de Kiev. Depois de ouvir as notícias sobre os acontecimentos em Leczyca, Wladyslaw decidiu dar uma resposta rápida, como resultado de que o Grão-Príncipe de Kiev não só quebrou todos os seus pactos com os duques juniores, mas também organizou o noivado de sua filha Zvenislava filho mais velho de Wladyslaw, Boleslaw. O casamento teve lugar um ano depois, em 1142. Seu vínculo com os russos de Kiev o beneficiou durante 1142-1143, quando Wladyslaw decidiu lutar contra os distritos de seus irmãos. Wladyslaw teve vitória indiscutível, sendo apoiado por suas alianças com a Kiev, Bohemia e o Sacro Império Romano. - O Caso Wlostowic e a segunda parte da luta com os seus irmãos: Durante o reinado de Wladyslaw, a liderança da Silésia por Piotr Wlostowic teve a mais decisiva e maior impacto. Um firme seguidor do Duque Boleslaw III, que tinha logo adquirido enorme importância política no país, abrangendo os serviços judiciais mais importantes. Em sua prerrogativa como voivo detinha o direito de nomear os funcionários das autoridades locais em toda a Polônia, nomeadamente nas áreas dos duques Juniores, que fizeram dele a pessoa de cuja decisão foi determinante para o destino do Estado. Tendo em vista o conflito entre seus filhos e Wladyslaw aparecendo à frente, a esposa de Boleslaw, Salomea de Berg fazia intrigas contra ele, levando Wlostowic a ter que renunciar e ser substituído por um de seus asseclas. Quando Wladyslaw sucedeu a seu pai, ele restabeleceu a liderança, porém o aumento da potência de Wlostowic promoveu profundas relações negativas, especialmente com sua esposa Inês de Babenberg, que não sem razão o considerava um traidor. Em 27 de julho de 1144, Salomea de Berg, viúva do duque Boleslaw e amargo inimigo de Wlostowic, morreu. Como em conformidade com a vontade do Duque, sua província de Leczyca teve de voltar à Província Senhorial de Wladyslaw, liderança, de acordo com os duques juniores, planejou um golpe de Estado, a fim de tomar o distrito impugnado, talvez como emolumentos para o jovem Henrique. Novamente neste caso, Wladyslaw apelou para a ajuda dos

seus aliados de Kiev. Sem esperar a chegada de comida que ele enviou as suas tropas, contra as forças do Boleslaw IV do Curly e Mieszko III; inesperadamente, Wladyslaw sofreu uma derrota. Não era até a chegada do kievano que o destino da batalha e da guerra virou para o lado de Wladyslaw. Imediatamente, um tratado de paz foi feito favoravelmente, que permitiu o Duque de alta assumir o controle total sobre Leczyca, no entanto, ele tinha que dar para as cortes de Kiev, em troca de sua ajuda, o castelo polonês de Wizna. Entretanto, as tensões entre Wladyslaw e Wlostowic Piotr pioraram. A posição do Conde Palatino durante a guerra civil era claramente contra o Duque de alta. Esta atitude não correspondia com o conceito de Wladyslaw de autocracia, e depois deste episódio, ele pensou sobre a remoção total dos seus irmãos de suas terras. Até 1145, no entanto, parecia que uma reconciliação entre o Duque de alta e Wlostowic era possível, como evidenciado pelo convite para Wladyslaw pela liderança, por ocasião do casamento do filho Wlostowic. No início do ano seguinte, o Duque de alta, no entanto, resolveu jogar tudo em uma única aposta: eliminar Wlostowic de sua vida para sempre. Ele ordenou que um dos seus cavaleiros, Dobek, o capturasse. Dobek chegou ao tribunal de Wlostowic em Olbin, nos dias de hoje Wroclaw, e durante a noite capturou o líder com seus homens. A Alta Duquesa Inês exigiu a morte de Wlostowic, mas Wladyslaw preferiu fazer dele um exemplo: por isso o cegou, emudeceu e o condenou ao exílio. Wlostowic era respeitado e tinha muitos amigos, e seu destino foi causa de muitos nobres a mudarem a sua lealdade aos duques juniores. Além disso, o Wlostowic, já cego, fugiu para Kiev, que até então tinha apoiado Wladyslaw, e convenceu-os a romper sua aliança. - Fuga para a deposição e Bohemia: No início de 1146, Wladyslaw decidiu fazer um ataque final sobre o seu rival meio-irmão. Inicialmente, parecia que a vitória do Duque de alta era apenas uma questão de tempo, já que ele conseguiu conquistar Masovia sem obstáculos e obrigou o Duque Boleslaw IV do Curly a retirar-se para a defesa de seu irmão Mieszko III em Poznan na Polônia. Lá, inesperadamente, começou a catástrofe de Wladyslaw. A razão para isto foi a insegurança de seus outros distritos, onde as rebeliões eclodiram contra os poderosos da política

ditatorial de Wladyslaw. Os rebeldes cresceram rapidamente no poder graças ao apoio do Arcebispo Jakub Znina de Gniezno, que excomungou o Duque alto, como uma punição para o destino que deu ao líder Wlostowic, resultando em uma série de rebeliões adicionais. A derrota no final, foi graças não só para as forças combinadas do Duque Boleslau IV, em Poznan, com as outras tropas dos duques juniores, mas também pelos próprios soldados de Wladyslaw, o que foi uma total surpresa para ele. O Duque de alta foi forçado a fugir para o exterior, pouco depois Inês, sua esposa e filhos se juntaram a ele, depois de suas tentativas frustradas de defender a Cracóvia. Os jovens duques tiveram um completo sucesso, e Wladyslaw estava agora sob a mercê de seus vizinhos. Inicialmente, ele e sua família permaneceram na corte de seu xará e aliado Duque Vladislau II da Boêmia no Castelo de Praga. O título de Duque de alta foi assumido por Boleslau IV. Wladyslaw nunca mais voltou para a Polônia - Exílio na Alemanha. Expedição falha do rei Conrado III - Logo após sua chegada à Boêmia, seu cunhado, o rei Conrado III da Alemanha, ofereceu-lhe hospitalidade. Wladyslaw pouco depois se mudou para a Alemanha e prestou homenagem ao rei Conrado e pediu ajuda para recuperar o trono. Como o rei Conrado também tinha sido capaz de repor Vladislaus da Boêmia, pouco antes, ele inicialmente percebeu que Wladyslaw poderia recuperar o poder sobre a Polônia muito em breve. A expedição contra os duques juniores foi lançada em 1146, mas devido às cheias do rio Oder e a pressão sobre o rei alemão pelos marqueses Alberto, o Urso e Conrado de Meissen, que não mostraram nenhum interesse em um conflito armado no leste da fronteira com a Alemanha, a campanha finalmente fracassou. Wladyslaw naturalmente não perdeu a esperança de mudar seu destino, mas agora ele tinha que aceitar o adiamento de seu retorno, principalmente quando Conrado III começou a Segunda Cruzada, com o rei Luís VII da França, para a Terra Santa no próximo ano. Durante este tempo, o antigo Alto Duque administrou a Kaiserpfalz na Altenburg e suas dependências no Imperial Pleissnerland. Sem esperar pela ajuda alemã, Wladyslaw e sua esposa Inês foram para a Cúria Romana e pediram ao Papa Eugênio III ajuda, mas esta tentativa

também não teve sucesso. - Morte e legado: Em 1152, o rei Conrado III morreu e foi sucedido por seu sobrinho Frederico Barbaroxa. Com isso, as esperanças de Wladyslaw de retornar à Polônia renasceram. Após a indução de Frederico pela tia Inês, Wladyslaw de Babenberg, o Sacro Imperador Romano lançou uma nova expedição a Grande Polônia em 1157. A campanha foi um sucesso, mas, inesperadamente, Frederico Barbaroxa não restaurou Wladyslaw ao trono polaco, depois de Boleslaw IV, apreendido na Krzyszkowo ter de declarar-se vassalo do Imperador e obrigado a pagar o tributo. Em compensação, o Imperador Boleslaw IV forçado a prometer a restituição de Silésia para filhos de Wladyslaw Boleslaw, o Alto e Mieszko IV Tanglefoot. Neste momento, ao que parece, Wladyslaw sabia que a sua batalha pela supremacia na Polônia estava finalmente perdida. Ele permaneceu no exílio em Altenburg, onde morreu dois anos depois. Não foi até 1163, que Boleslaw IV finalmente concedeu a província da Silésia para os filhos de Wladyslaw. Além da questão de um verdadeiro feudo dos filhos de Wladyslaw, dado pelo Imperador, um rompimento entre eles e seus primos Piast tinha ocorrido. Nos séculos seguintes, a Silésia foi dividida em até 17 separados ducados entre seus descendentes e sucessores, que a partir do início do século 14 tornaram-se gradualmente vassalos do Reino da Boêmia. Até 1335, pelo Tratado de Trentschin o rei polonês Casimiro III, o Grande, renunciou todas as reivindicações das terras da Silésia, que permaneceram sob o domínio dos Piast, sendo lideradas pela linha masculina da dinastia até finalmente tornar-se extinta com a morte do Duque George William de Legnica em 1675.

Marido de *Inês de Babenberg*, em 1125, de quem teve: Boleslaw I de Schlesien; Mieszko I Tanglefoot de Opole; **Riquilda de Polônia**, rainha consorte de Leão e Castela; Konrad Spindleshanks e Albert.

216324 9191. INÊS DE BABENBERG

(*Agnes von Österreich, Agnieszka*). Nasceu em 1111 em Wien, Áustria e faleceu em 25 de janeiro de 1157 em Malopolska, Polônia. Através de sua mãe, Inês era descendente da dinastia Saliana, que governou o Sacro Império Romano Germânico desde 1024, até seu tio materno, o imperador Henrique V, que morreu sem substituto em

1125. Ela foi a meia-irmã do Duque Frederico II da Suábia e Conrado, desde 1138 rei da Alemanha, ambos nascidos a partir do primeiro casamento com a mãe do duque Frederico I da Suábia. De seu meio-irmão, uma irmã Judith se casou com o Marquês Guilherme V de Montferrat e um irmão foi bispo Otto de Freising, um cronista medieval renome. De acordo com Wincenty Kadlubek, cronista polaco e Bispo de Cracóvia e esta opinião é partilhada por outras fontes, Inês era uma mulher muito ambiciosa, energética, e orgulhosa de suas origens. Não é de admirar que o bispo a chamou nas páginas da sua Crônica polonesa, [*Tigresa, polonês: tygryśica*]. -Casamento: O governador da Polônia, Duque Boleslaw III Wrymouth, a fim de manter sua posição contra o Império queria obter um poderoso aliado contra Lotário III do Supplinburg, que em 1125 tinha sido eleito Rei dos Romanos contra o Duque Frederico II da Suábia. Ele então forjou uma aliança com as famílias Babenbergs e Hohenstaufen, que, como parentes da dinastia extinta Saliana, foram os rivais naturais de Lotário. Para selar a aliança, foi decidido o casamento entre Wladyslaw, filho mais velho de Boleslaw III, com Inês. O casamento ocorreu em torno de 1125, de acordo com alguns historiadores, o casal recebeu o ducado de Silésia de Boleslaw III como um presente. - Morte e Legados: Inês e Wladyslaw permaneceram em Altenburg, onde Wladyslaw II morreu em 30 de maio de 1159. A morte de Inês é, geralmente, colocada por fontes entre 24 e 25 de janeiro, mas o ano permaneceu disputado entre os historiadores e fontes. Certamente, ela sobreviveu a seu marido, e é sabido que ela não voltou para a Silésia, com seus filhos quando eles finalmente tiveram restaurados em seu patrimônio em 1163. Assim, acredita-se que Inês morreu entre 1160 e 1163. Ela foi enterrada na Abadia Cisterciense de Pforta, perto de Naumburg.

216324 9192. GUILHERME VI DE MONTPELLIER

Senhor de Montpellier. (*William VI, Guillem VI, Guilhèm d'Omelas, Guilhem d'Aumelas*). O Grande. Nasceu cerca de 1100 em Montpellier, Herault, Languedoc, França e faleceu em 1161 em Grandseville, França. Sucedeu seu pai no senhorio de Montpellier, em 1121, quando ainda

era menor de idade, sob tutela de sua mãe. Ele reprimiu uma revolta da burguesia em 1143 e participou em várias campanhas militares da Reconquista na Espanha (1134, 1146-1147). Ele também aumentou o caráter público do senhorio em Montpellier e apoiou o crescimento de seu comércio. - Partilha do poder: No início do reinado de Guilherme, a autoridade secular em Montpellier foi partilhada entre a dinastia Guillem, viguiers hereditários da cidade, e o Bispo de Montpellier. Em 1139, Guilherme confirmou a paróquia aos herdeiros do antigo Viguiier Bernard Guillem, e mostra o documento que sobreviveu e que -Viguiier teve o poder aumentado desde 1103 e foi, provavelmente, no seu auge. Guilherme ficou seguro com a reafirmação de seus direitos senhoriais de Castelnau (1132, 1138) e Lattes (1140). Em 1139, Guilherme possuía várias censives no bairro de Villa Nova. A Cens "*censives*" era o direito à terra fiscal, embora anteriormente, tinha sido provavelmente um direito de imposto. Até o século XII, pode ter sido aplicado sobre as terras, devido os impostos. Em 1140, surgiu uma disputa entre Guilherme VI e o bispo sobre a competência em Montpellieret. O bispo afirmou que Guilherme foi alargando os muros e as fortificações da cidade para englobar alguns da secção episcopal de Montpellieret e foi forçando vassallos da Igreja de Montpellier contribuir para o fundo da defesa local: Guilherme tinha construído uma fortificação Vallam a parede em sua cidade o arrendamento do bispo e tinha feito os homens de Montpellier, e outros homens da Catedral de S. Pedro, contribuir para a cobrança da freguesia communitas de Montpellier. Isso pode mostrar que o controle dos muros e fortificações já estava nas mãos da burguesia, em 1196. É provável que Guilherme fosse o primeiro senhor de Montpellier a supervisionar a extensão das paredes para incluir judicialmente território sob o controle de todas as três principais figuras da cidade. Guilherme incluiu direitos feudais a fidelidade e a homenagem de vários castelhanos na região de Montpellier. Ele procurou juramentos de lealdade geral dos castelões destes em 1130 e novamente em 1147. Ele comprou o castelo de Pouget em 1129, e o deu a seu irmão, Guilherme de Aumelas, e comprou a de Santeragues em 1147-1148. Entre os castelos que Guilherme controlava, uns mais

que outros foram Montferrier, Pignan, Coronsec, Frontignan, Valmale e Saint-Pons-de-Mauchiens. - Administração Municipal: Guilherme herdou os serviços de dois escribas que tinham trabalhado para o pai pelo menos desde 1103. Um chamado Guilherme, que se descreveu como um, escriba do Senhor Guilherme de Montpellier, [scriba domini Guillelmi Montispessulani], operado tão tarde quanto 1139. Outro, Girbertus, tornou-se oficialmente escriba em 1113 e continuou a servir até 1125. Guilherme VI também contratou seu escriba próprio, Petrus Angelus, entre os anos de 1128 e 1136. No início do reinado de documentos Guilherme começou a distinguir nitidamente e outros nobres burgueses na testemunha, listas ou por apelidos ou por título de ocupação. Cavaleiro em 1139, Guilherme instituiu uma alteração administrativa: ele começou a usar um notário "*notarius*" Durantus chamado em vez de um mero escriba "*scriba*". Ele serviu pelo resto do reinado de Guilherme. Em 1146, Guilherme, em preparação para sua viagem à Espanha, entregou o governo da cidade para sua mãe, que estipulou que ao morrer ele passaria para três burgueses, Olricus Adalguerius, Guillelmus Letericus e Atbrandus, o governo, com o conselho das outras testemunhas do testamento. Estes três burgueses reaparecem como testemunhas da última vontade, Guilherme, indicando sua proximidade com o clã dominante. Em 1149, Guilherme comprou o [*jus naufragii*], o direito de resgate naufrágios, do Conde de Melgueil para 3.000 melgoriens sous. A sou cunhada em Melgueil era a moeda padrão da região, e Guilherme estava vigilante ao insistir que o conde de Melgueil não a rebaixasse, em detrimento do comércio de Montpellier. Em 1128, ao concluir uma guerra com o seu genro, o conde Bernardo IV do Melgueil, Guilherme extorquiu a promessa de que a moeda não seria desvalorizada. O próprio Guilherme controlava a hortelã, no entanto, e em 1130 ele teve que concordar em não emitir qualquer cunhagem por sua própria autoridade, mas somente com a aprovação do conde. Estes acordos foram confirmados em 1132, 1135 e 1145-1146. - Revolta de 1141-1143 - Em 1141-1142, o Viguier Aimon, na cabeça da burguesia, que liderou uma revolta contra Guilherme expulsou-o da cidade. Alfonso Jordan, o conde de Toulouse, tentou pescar em águas turvas, recebendo uma

repreensão forte do Papa Anacleto II, com quem Guilherme VI tinha uma estreita relação de fronteira com uma aliança definitiva. Apesar do apoio do Papa para Guilherme, o bispo recusou-se a intervir contra a Viguiér, mas com o apoio de genoveses e aragoneses, ele conseguiu tomar de volta a cidade depois de um cerco prolongado em 1143, para o qual Genova contribuiu. O *Romane Chronique* destaca o papel de Raimundo Berengário IV de Barcelona e da fome induzida no cerco, na rendição da cidade: No ano de 1141, os homens de Mont pellier expulsaram Guilherme de Montpellier da cidade, e ele foi para a Lattes, e suportou uma batalha de dois anos. O conde de Barcelona devolveu a ele, Guilherme a cidade depois de um cerco. (*En lan de M et al C XLI, casas los giteron de Montpellier en Guillem de Montpellier de la Vila, et anet sen um Latas, Duret e La Batalha II ans: el coms de Barsalona rendet li La Villa por assetge: et Adones Valar X favas 1 d.*) Imediatamente Guilherme começou a destruir o poder do Viguiér. Ele arrasou o seu castelo no interior das muralhas e revogou os privilégios judiciais da sua corte em separado. Com a ajuda de Aragão, iniciou a construção nova na família do seu castelo no norte da cidade. Esta fase de melhora não foi terminada até 1152. Estes movimentos, e de conciliação provável da burguesia descontente, foram bem-sucedidos na eliminação do viguiers hereditário, o Aimons, de um lugar de influência. Na sequência, o processo pelo qual os senhores de Montpellier assumiu um caráter público, tornar-se algo mais do que meros senhores feudais, foi acelerado. Uma carta para seus aliados genovês datado de 1143 começa com Guilherme de Montpellier e seus burgueses. Os interesses coincidentes da classe mercantil e os seus senhores feudais, cujas receitas dependiam cada vez mais dos impostos sobre o comércio, acelerou o processo pelo qual os senhores tornaram-se representante da cidade. – Reconquista: Em 1134, Guilherme VI, foi ter com o rei Afonso VII de Leão e Castela, quando cercou e tomou Zaragoza. Lá, ele pagou a homenagem a e tornou-se vassalo de Afonso. A apresentação de García Ramírez, o rei de Navarra, como assim como muitos outros nobres da Gasconha e a França tornaram-se seus vassalos, foi a justificativa para a coroação de Afonso como imperador da Espanha em 1135. Entre os vassalos de

Languedoc apenas Guilherme de Montpellier é apontada pelo nome no *"Imperatoris Adefonsi Chronica"*, o condado contemporâneo do reinado de Afonso: Todos os nobres da Gasconha e da área até o rio Rhone, incluindo Guilherme de Montpellier, vieram a Afonso, em espírito de mútuo acordo. Eles receberam ouro, prata, cavalos e diversos presentes preciosos dele. Todos eles se tornaram seus vassallos, e prestaram obediência a ele em todas as coisas... Ele presenteou-os com armas e outros itens. Daí as fronteiras do reino de Afonso, rei de Leão, se estendia desde o litoral do Oceano Atlântico, perto de onde a cidade de nosso santo padroeiro Santiago está localizada, todo o caminho até o rio Rhone. Em 1146, Alonso mandou Arnaldo, o bispo de Astorga, como seu enviado para o tribunal de Barcelona e Montpellier, pedindo-lhes que em agosto 1147, para o cerco de Almería para a redenção de suas almas. Segundo a crônica, que recebeu o convite com alegria e prometeu estar presente ao lado dos genoveses que estavam fornecendo a frota. Depois de participar da captura de Almería, Guilherme também participou de outro conjunto empreendimento militar: a reconquista de Tortosa. Guilherme e o conde de Barcelona estavam entre os soldados esperando a chegada da frota genovesa, na foz do Ebro em 12 de julho de 1148. De acordo com a frota de genoveses, a *"Ystoria captionis Almarie et Turtuose de Cafarus"*, os senhores de Barcelona Montpellier e acamparam no topo do Monte Magnara, uma das duas colinas com vista para Tortosa, enquanto os outros soldados estrangeiros, principalmente ingleses, franceses e cavaleiros flamengos que tinham participado no cerco de Lisboa no ano anterior, acamparam na colina chamada *"Romelinus"*. Depois da conquista de Tortosa, um dos mais novos filhos, Guilherme foi feito co-senhor da cidade. - Casamento e aliança com Aragão: A esposa de Guilherme foi nomeada sibila, e era de origem catalã. De acordo com documentos apresentados na anulação do casamento de Maria de Montpellier, sua bisneta, ela era a filha de Bonifácio del Vasto e, portanto, a irmã de Manfred I de Saluzzo, mas isso não pode ser confirmada. O casamento foi menos uma aliança entre Guilherme e uma aristocrática família de menores da Catalunha do que um reforço dos laços com a Casa do Barcelona,

que em breve uma regra complexa de territórios ao norte e ao sul dos Pirineus. O apoio que o conde de Toulouse deu aos rebeldes de 1141-43 foi parte da maior rivalidade entre Toulouse e Aragão/Barcelona, para aumentar o poder na Occitânia, um conflito em que os senhores de Montpellier gradualmente construíram uma aliança com os aragoneses, apesar de seus senhores, os condes de Melgueil, com quem eles estavam relacionados, serem partidários de Toulouse. Guilherme VI e Sibila tiveram cinco filhos e todos, exceto Bernard Guilherme, que morreu antes de 1172, desempenharam um importante papel na política occitana. O mais velho, Guilherme VII, sucedeu seu pai, Raimundo Guilherme se tornou um monge e depois bispo; outro Guilherme, se tornou co-senhor de Tortosa após a sua conquista, Ermessende se juntou aos Templários em 1157, prometeu continuar a cruzada à Terra Santa durante um ano, e lá morreu, e Gui Guerrejat mais tarde serviu como regente de seus sobrinhos, os filhos de Guilherme VII. Guilherme VI e Sibila também tiveram três filhas: Guilhelme ou Guillemette, que casou primeiro Bernard IV do Melgueil e, mais tarde Visconde Bernard Ato V; Alais ou Azalais, que se casou com Eble III do Ventadorn e Ermessende, que se casou com Estevão de Raimundo Servian. O primeiro casamento de Guillemette fazia parte de um acordo “*convenientia*” de 1120 entre o pai e o marido, em que a primeira ganhou o controle da Casa da Moeda Melgorian quando Bernard hipotecou a ele 7.000 soldos.

Marido de *Sibylla del Saluzzo* de quem teve: Bernard Guilherme; Raimundo Guilherme, monge e bispo; Gui Guerrejat; **Guilherme VII de Montpéllier**; Alix de Montpellier; Ermessende de Montpellier; Guilherme Tortosa de Montpellier; Guillemette de Montpellier e Ermessende.

216324 9193. SIBILA DE SALUZZO

Senhora de Montferrier. (*Sibilla di Savona, Sibilla del Vasto*). Nasceu em agosto 1109 em Vasto, Chieti, Abruzzo, Itália e faleceu em 1172 em França. “*Bonifacius marchio*” forneceu dotes para “*filiabus...Sibilie et Adalaxia et alie filie si ex hac uxore nata fuit*” por carta datada de 1125. O *Genealogiæ Scriptoris Fusniacensis* refere-se, mas não nomeia, a primeira das filhas de “*Hugonem Magnum [et] Adelaide comitissa*

Veromandensium” como esposa de “*Bonefacius marchio*”, pais de “*Bonefacium archidiaconum Noviomensem et filios et filias, quarum una nupsit Guilelmo de Montepessulano*”. O contrato de casamento entre “*Guillelmus de Montispessulano*” e “*sponsam meam... Sibiliam*” é datada de 11 de agosto de 129 e lista seu dote como “*castrum... Monsferrarius et Castrum Novum et villam de Sustancione et villam de Salzeto et villam Sancti Martini de Crecio*” Montferrier, Castelnau-le-Lez, Substantion, Salzetum, Le Crès Hérault. De acordo com a documentação relativa ao divórcio de Maria de Montpellier e Pedro II Rei de Aragão, Sibilla era filha de Bonifazio Marquês del Vasto e, presumivelmente, sua segunda esposa Agnès de Vermandois, embora isso não esteja especificado no texto. Neste texto, vários parentes de Marie testemunharam a ascendência compartilhada do casal, em particular “*dominam Clemenciam amitam regine*” Clémence de Montpellier, irmã de Guillaume VIII, Senhor de Montpellier, declarou que “*Bonifatius marchio habuit tres infantes...Bonefacium et Guillelmum marchionem et Sibiliam. De Bonifatio exiit domina Marchisia uxor domini Bernardo de Andusia, de Guillelmo marchione exiit comitissa de Bigorra, et de comitissa de Bigorra exiit uxor Bernardoni comitis Convenarum. De Sibilia exiit Guillelmus de Montepessulano, et de Guillelmo Montispessulani exiit Guillelmus pater Marie regine Aragonum. Hec ita vera esse audivit ab antecessoribus suis et a domino B. de Andusia et a domino episcopo Cyffricensi fratre eius, et a domina Marchisa eius uxore, et a domino R. episcopo Litteuensi et a multis aliis*”. No entanto, não se deve presumir que essa documentação seja completamente precisa. A ascendência atribuída a Bernard Conde de Comminges no extrato citado não foi verificada. Além disso, em outra parte do texto várias testemunhas afirmam incorretamente que a mãe de Mathilde de Borgogne era filha de Renaud, Conde de Borgonha.

216324 9194. HUGO II DE BORGONHA

DUQUE DE BORGONHA

(*Hugh*), O Pacífico. Nasceu em 1084 em França e faleceu em 6 fevereiro 1143 e foi enterrado em Abadia de Citeaux, França. Foi duque da Borgonha desde 1103 e até à sua morte. Combateu ao lado

de Luís VI de França contra Henrique I da Inglaterra em 1109, e depois contra Henrique V da Germânia, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que invadiu a província de Champanha em 1124. Com a exceção destas duas ocasiões, que ocorreram fora do seu ducado, teve poucos conflitos nos seus domínios, razão do seu cognome de o Pacífico.

Marido de *Matilde de Turenne*, em 1115, de quem teve: Raymonde de Borgonha; Odo II de Borgonha; Aigline de Borgonha; Raimundo de Borgonha; Clémence de Borgonha; Gauthier de Langres, bispo; Hugues de Borgonha; Robert de Borgonha; Henri Flavigny; Sibylle de Borgonha; Ducissa de Borgonha, Senhora de Saint-Julien; Aremburge de Borgonha, freira e **Mathilde de Borgonha**. E de Maud de Turenne, sem filhos.

216324 9195. MATILDE DE TURENNE

(*Mathilde de Mayenne*). Nasceu cerca de 1082 em Mayenne, França e em 8 de fevereiro de 1162 em Beaune, Cote d'Or, Bourgogne, França.

216324 9196. JOÃO II KOMNENOS

IMPERADOR BIZANTINO DE CONSTANTINOPLA - (1118/1143)

(*Ἰωάννης ὁ κομνηνός*), (*Jean II Comnène, Kaloïoannes, Ioannes II Komnenos Dukas*). O Belo, O Bom. Nasceu em 13 de setembro de 1087 em Constantinopla, Império Bizantino e morre em 8 de abril de 1143 em Seleucia, Cilícia, Asia Menor. Foi imperador bizantino de 1118 a 1143 sendo o segundo imperador a governar durante a restauração comnena do Império Bizantino. Como ele nasceu de um imperador reinante, tinha o status de porfirogeneto. João era um monarca piedoso e dedicado que estava determinado a desfazer os danos que seu império sofrera após a Batalha de Manzikert, meio século antes. Foi avaliado como o maior dos imperadores Komnenianos. No decorrer do quarto de século de seu reinado, João fez alianças com o Sacro Império Romano no Oeste, derrotou decisivamente os pechenegues, húngaros e sérvios nos Bálcãs e liderou pessoalmente várias campanhas contra os turcos na Ásia Menor. As campanhas de João mudaram fundamentalmente o equilíbrio de poder no Leste, forçando os turcos à defensiva e devolvendo aos bizantinos muitas

idades, fortalezas e cidades ao longo da península da Anatólia. No Sudeste, João estendeu o controle bizantino do Maeandrono Oeste, todo o caminho até a Cilícia e Tarso, no Leste. Em um esforço para demonstrar o ideal bizantino do papel do imperador como líder do mundo cristão, João marchou para a Síria muçulmana à frente das forças combinadas de Bizâncio e dos Estados cruzados; no entanto, apesar do grande vigor com que pressionou a campanha, as esperanças de João foram frustradas pela evasão de seus aliados cruzados e sua relutância em lutar ao lado de suas forças. Com João, a população do império se recuperou para cerca de 10 milhões de pessoas. O quarto de século de reinado de D. João II é menos bem gravadas por escritores contemporâneos ou quase contemporâneos do que os reinados de tanto seu pai, Aleixo I, ou seu filho, Manuel I. Em particular, pouco se sabe sobre a história do governo ou das políticas domésticas de João. - Aparência física e caráter: O historiador latino Guilherme de Tiro descreveu João como baixo e extraordinariamente feio, com olhos, cabelo e pele tão escuros que era conhecido como o mouro. No entanto, apesar de sua aparência física, João era conhecido como o Kaloïannes, João, o Bom ou João, o Belo; o epíteto se referia ao seu personagem. Seus pais eram excepcionalmente piedosos e João os superou. Esperava-se que os membros de sua corte restringissem sua conversa apenas a assuntos sérios. A comida servida à mesa do imperador era muito frugal e João dava aulas a cortesãos que viviam no luxo excessivo. Seu discurso foi digno, mas ele respondeu ocasionalmente. Todos os relatos concordam que ele foi um marido fiel à esposa, uma característica incomum em um governante medieval. Apesar de sua austeridade pessoal, João tinha uma alta concepção do papel imperial e apareceria em pleno esplendor cerimonial quando isso fosse vantajoso. João era famoso por sua piedade e seu reinado notavelmente brando e justo. Ele é considerado um exemplo excepcional de governante moral, em uma época em que a crueldade era a norma. Ele tem a reputação de nunca ter condenado ninguém à morte ou mutilação. A caridade era generosamente dispensada. Por esse motivo, ele foi chamado de Marco Aurélio bizantino. Pelo exemplo de sua moralidade pessoal e

piedade, ele efetuou uma melhora notável nas maneiras de sua época. Descrições dele e de suas ações indicam que ele tinha grande autocontrole e coragem pessoal, e era um excelente estrategista e general. - Ascensão ao trono: João II sucedeu a seu pai como governante basileu em 1118, mas já havia sido coroado co-imperador por Aleixo I entre 1º de setembro e início de novembro de 1092. Apesar dessa coroação, a ascensão de João foi contestada. Que Aleixo I favoreceu João para sucedê-lo é evidenciado pela elevação de seu filho à posição de co-imperador. No entanto, a influente esposa de Aleixo, Irene, favorecia o César Nicéforo Briênio, marido de sua filha mais velha, Anna Komnene. Anna, que na infância foi prometida ao primeiro co-imperador de seu pai, Constantino Ducas, ela mesma nutria aspirações óbvias ao poder e ao trono. Durante a doença final de Aleixo, tanto a esposa quanto a filha exploraram sua fraqueza física para pressioná-lo em apoio a sua agenda de sucessão. Aleixo suportou essas demandas constantes sem alterar formalmente seu sucessor pretendido. Enquanto Aleixo morria no mosteiro de Mangana em 15 de agosto de 1118, João, contando com parentes de confiança, especialmente seu irmão Isaac Comneno, conseguiu entrar no mosteiro e obteve o anel com o sinete imperial de seu pai. Ele então reuniu seus seguidores armados e cavalgou para o Grande Palácio, reunindo o apoio da cidadania no caminho. A princípio, a guarda do palácio recusou-se a admitir João sem uma prova clara dos desejos de seu pai; no entanto, a multidão em torno do novo imperador simplesmente forçou a entrada. No palácio João foi aclamado imperador. Irene, apanhada de surpresa, não conseguiu persuadir o filho a renunciar nem induzir Nicéforo a disputar o trono. Aleixo morreu na noite seguinte ao movimento decisivo de seu filho para assumir o poder. João se recusou a comparecer ao funeral de seu pai, apesar dos apelos de sua mãe, porque temia um contra-golpe. No entanto, no espaço de alguns dias, sua posição parecia segura. Um ano depois de sua ascensão, no entanto, João II descobriu uma conspiração para derrubá-lo que envolvia sua mãe e irmã. Nicéforo, marido de Ana, tinha pouca simpatia por suas ambições, e foi sua falta de apoio que condenou a conspiração. Anna foi despojada de sua propriedade,

que foi oferecida ao amigo do imperador João Axouch. Axouch sabiamente recusou e sua influência garantiu que a propriedade de Anna fosse eventualmente devolvida a ela e que João II e sua irmã se reconcilhassem, pelo menos até certo ponto. Irene retirou-se para um mosteiro e Anna parece ter sido efetivamente removida da vida pública, assumindo a ocupação menos ativa de historiadora. No entanto, Nicéforo manteve uma boa relação com seu cunhado. Um dos poucos registros das próprias palavras de João diz respeito à conspiração contra ele; ele diz que depois de ascender ao trono, Deus destruiu as tramas astutas de meus inimigos visíveis e invisíveis e me resgatou de todas as armadilhas que sujeitavam todos os meus inimigos aos meus pés. Para salvaguardar sua própria sucessão, João coroou seu filho mais novo, Aleixo, co-imperador em 1122. -

Administração militar e civil: As intrigas familiares que desafiaram sua sucessão ao trono provavelmente contribuíram para a abordagem de João ao governo, que era nomear homens de fora da família imperial para altos cargos. Este foi um afastamento radical dos métodos de seu pai, que usara a família imperial e suas muitas conexões para preencher quase todos os altos cargos administrativos e militares. João Axouch foi o conselheiro mais próximo de João II e seu único amigo íntimo. Axouch era um turco capturado quando criança no Cerco de Nicéia, que foi dado como um presente ao pai de João. O imperador Aleixo considerou-o um bom companheiro para o filho e, por isso, foi criado ao lado do príncipe na casa imperial. Axouch foi imediatamente nomeado Grande Doméstico (*em grego: μέγας δομέστικος, megas domestikos*), com a adesão de João II. O Grande Doméstico era o comandante-chefe dos exércitos bizantinos. Foi sugerido que as referências à posse de Axouch do selo imperial no início do reinado do sucessor de João, Manuel I, significavam que ele era, além de seus deveres militares, o chefe da administração civil do Império. Essa era uma posição não oficial conhecida na época como mesazon e equivalente a um vizir ou primeiro-ministro. Essa nomeação foi notável, e um afastamento radical do nepotismo que caracterizou o reinado de Aleixo I. A família imperial nutriu algum grau de ressentimento com esta decisão, o que foi reforçado pelo fato

de que eles foram obrigados a fazer reverências a João Axouch sempre que o encontravam. A relutância de João em permitir que sua família tivesse grande influência em seu governo permaneceria constante pelo resto de seu reinado. João nomeou vários retentores pessoais de seu pai para cargos administrativos seniores, homens como Eustathios Kamytzes, Michaelitzes Styppeiotas e George Dekanos. Estes eram homens que haviam sido eclipsados politicamente durante a ascendência exercida pela mãe de João nos últimos anos do reinado de Aleixo I. Vários novos homens foram elevados à proeminência por João II, incluindo Gregório Taronita, que foi protovestibular nomeado, Manuel Anemas e Theodore Vatatzes, os dois últimos também se tornaram seus genros. A política de casamento de João, de trazer novas famílias para a órbita imperial, pode ter sido direcionada para diminuir a influência de certos clãs aristocráticos proeminentes, como as famílias Doukas, Diógenes e Melissenos, algumas das quais haviam produzido próprios imperadores no passado. Apesar de seu afastamento da dependência íntima da família imperial e suas conexões, a corte e o governo de João tinham muitas semelhanças com os de seu pai, principalmente em seu tom sério e piedade. Na verdade, uma coleção existente de conselhos políticos expressos em forma poética, chamados de Mousai, são atribuídos a Aleixo I. Os Mousai são dirigidos diretamente a João II e o exortam, entre outras coisas, a manter a justiça durante seu reinado e um tesouro completo. Os conselhos de Aleixo sobre o governo, portanto, continuaram disponíveis para seu filho, mesmo após a morte do velho imperador. O aumento da segurança militar e da estabilidade econômica no oeste da Anatólia bizantina, criado pelas campanhas de João II, permitiu-lhe iniciar o estabelecimento de um sistema provincial formal nessas regiões. O tema província de Thrakesion foi restabelecido, com seu centro administrativo na Filadélfia. Um novo tema, denominado Mylasa e Melanoudion, foi criado ao sul de Thrakesion. - Conspirações do sebastokrator Isaac: O irmão mais novo de João II, Isaac, foi um apoio essencial durante a crise de sucessão. No entanto, apesar de ter recebido o mais alto título do tribunal, o de sebastokrator, Isaac mais tarde se afastou de seu irmão e se tornou um

conspirador ativo. Com conselheiros de confiança de sua própria escolha, como João Axouch, e mais tarde o apoio de seu filho e co-imperador, Aleixo, João II não ofereceu nenhum papel significativo a Isaac no governo do império. No reinado de Aleixo I sebastokrator detinha e exercia um poder considerável e Isaac teria uma expectativa de um nível semelhante de autoridade sendo delegado a si mesmo. Essa ambição frustrada é provavelmente o que desiludiu Isaac com o governo de seu irmão. Isaac pretendia substituir seu irmão como imperador. Em 1130, João ficou sabendo de um complô envolvendo Isaac e outros magnatas quando ele estava saindo para fazer campanha contra os turcos. Quando João tentou prender Isaac, este escapou e fugiu para junto do emir dinamarquês Ghazi, que o recebeu, e mais tarde o enviou para o regime bizantino separatista dos Gabrades em Trebizonda. Isaac então se tornou o convidado de Masoud, o Seljuk Sultan de Rum, e posteriormente de Leo, o Príncipe da Armênia e Cilícia. É muito provável que Isaac estivesse buscando a ajuda desses príncipes em uma tentativa de tomar o trono bizantino à força. Essa coalizão não se materializou, mas Isaac parece ter mantido um forte apoio em Constantinopla. Em 1132, João teve que retornar da campanha às pressas, quando chegou a notícia de que conspiradores em Constantinopla haviam apelado a Isaac para se tornar seu governante. O triunfo que João celebrou após a captura de Kastamuni em 1133 pode ser visto como uma afirmação pública da legitimidade de João como imperador corporificado na celebração da derrota de inimigos externos. Os irmãos reconciliaram-se brevemente em 1138, e Isaac voltou para Constantinopla; no entanto, um ano depois, Isaac foi exilado em Heraclea Pontica, onde permaneceu pelo resto da vida de João. Na extensa obra de arte que Isaac encomendou, ele enfatizou muito seu status de porfirogeneto e sua relação com seu pai imperial, Aleixo I, mas fez pouca ou nenhuma referência à sua relação com seu irmão João, ou ao título de sebastokrator que possuía recebido dele. – Diplomacia: O princípio central da política externa de João II no Ocidente era manter uma aliança com os imperadores alemães, do Sacro Império Romano. Isso foi necessário para limitar a ameaça representada pelos normandos do sul da Itália ao território

bizantino nos Bálcãs. Essa ameaça tornou-se especialmente aguda depois que Rogério II da Sicília tornou-se supremo no sul da Itália e assumiu o título de rei. O imperador Loário III tinha apoio bizantino, incluindo um grande subsídio financeiro, para sua invasão do território normando em 1136, que alcançou o sul até Bari. O Papa Inocêncio II, com as possessões da Igreja na Itália sob a ameaça de Rogério II, que apoiou o Antipapa Anacletus II, também fez parte da aliança de Lotário e João II. No entanto, esta aliança se mostrou incapaz de resistir a Rogério, que extraiu à força o reconhecimento de seu título real do Papa em 1139, Tratado de Mignano. O sucessor de Lotário, Conrado III, foi procurado em 1140 por uma noiva real alemã para o filho mais novo de João, Manuel. Bertha de Sulzbach, cunhada de Conrado, foi escolhida e despachada para Bizâncio. Quase ao mesmo tempo, Rogério II pediu a João II uma noiva imperial para seu filho, mas não teve sucesso. A tendência de João para interferir com a família de sua esposa, os governantes da Hungria, era problemática. As boas-vindas concedidas aos pretendentes destituídos do trono húngaro em Constantinopla foram vistas pelos bizantinos como uma apólice de seguro útil e fonte de influência política. No entanto, os húngaros trataram essa interferência como uma questão de luta. Uma aliança húngara com os sérvios produziu consequências graves para a continuação do domínio bizantino nos Bálcãs ocidentais. No Leste, João tentou, como seu pai, explorar as diferenças entre o sultão seljúcida de Icônio e a dinastia dinamarquesa mendid que controlava o Nordeste, o interior, partes da Anatólia. Em 1134, o sultão seljúcida Masoud forneceu tropas para o ataque de João à cidade de Kastamuni controlada pelos dinamarqueses, reocupada imediatamente após a conquista bizantina de 1133, no entanto, a aliança não se mostrou confiável, pois as tropas seljúcidas abandonaram a expedição, fugindo durante a noite. Nos estados cruzados do Levante, era geralmente admitido que as reivindicações bizantinas sobre Antioquia eram legalmente válidas, embora fosse pragmaticamente visto que apenas quando o imperador bizantino estava em posição de aplicá-las militarmente é que provavelmente seriam reconhecidas na prática. O ponto alto da diplomacia de João no Levante foi em 1137, quando ele

extraiu homenagens formais dos governantes do Principado de Antioquia, do condado de Edessa e do condado de Trípoli. O desejo bizantino de ser visto como tendo um nível de suserania sobre todos os estados cruzados foi levado a sério, como evidenciado pelo alarme mostrado no Reino de Jerusalém quando João informou ao rei Fulco do seu plano de uma peregrinação armada à Cidade Santa em 1142. - Assuntos religiosos: O reinado de João II foi travado com guerras quase constantes e, ao contrário de seu pai, que se deleitava na participação ativa nas disputas teológicas e doutrinárias, João parece ter se contentado em deixar as questões eclesiásticas para o Patriarca e a hierarquia da igreja. Somente quando a religião interferiu diretamente na política imperial, como nas relações com o papado e a possível união das igrejas grega e latina, João tomou parte ativa. Ele organizou uma série de disputas entre teólogos gregos e latinos. João, ao lado de sua esposa que compartilhava suas obras religiosas e de caridade, é conhecido por ter empreendido a construção de igrejas em uma escala considerável, incluindo a construção do Mosteiro de Cristo Pantokrator, Mesquita Zeyrek em Constantinopla. Este mosteiro, com suas três igrejas, foi descrito como uma das construções arquitetônicas mais importantes e influentes da Constantinopla bizantina média. Anexo ao mosteiro, estava um hospital, de 5 alas, aberto a pessoas de todas as classes sociais. O hospital era composto por médicos leigos treinados, e não por monges. O mosteiro também serviu como sepulcro imperial para a dinastia Komneniana. A perseguição muito ativa aos seguidores das heresias Paulician e Bogomil caracterizou os últimos anos do reinado de Aleixo I. Nenhum registro do reinado de João menciona tal perseguição, embora as contra-medidas contra a heresia pela Igreja Bizantina continuassem em vigor. Um sínodo permanente em Constantinopla investigou os escritos de um monge falecido chamado Constantino Chrysomallus, que circulava em certos mosteiros. Essas obras foram encomendadas para serem queimadas pelo Patriarca de Constantinopla, Leo Styppes, em maio de 1140, com o fundamento de que incorporavam elementos da crença e das práticas Bogomil. Um dos poucos membros da família imperial para ser colocado em uma posição importante por João era seu primo,

Adrian Komnenos, filho do tio de João Sebastokrator Isaac. Adriano tornou-se monge, adotando o nome monástico de João, e acompanhou o imperador em suas campanhas de 1138. Logo depois, Adriano foi nomeado arcebispo da Bulgária como João IV de Ohrid. A Bulgária era uma sé autocéfala e exigia um homem de prestígio como arcebispo. - Façanhas militares: Embora ele tenha travado uma série de batalhas campais notáveis, a estratégia militar de João II dependia de tomar e manter assentamentos fortificados para construir fronteiras defensáveis. João conduziu pessoalmente cerca de vinte e cinco cercos durante seu reinado. - Os pechenegues destruídos (1122): Em 1119-1121, João derrotou os turcos seljúcidas, estabelecendo seu controle sobre o sudoeste da Anatólia. No entanto, imediatamente depois, em 1122, João rapidamente transferiu suas tropas para a Europa para conter uma invasão pechenegue através da fronteira do Danúbio em Paristrion. Esses invasores foram auxiliares do Príncipe de Kiev. João cercou os pechenegues quando eles invadiram a Trácia, fez com que acreditassem que ele lhes concederia um tratado favorável e, em seguida, lançou um devastador ataque surpresa contra o acampamento fortificado. A Batalha de Beroia que se seguiu foi muito lutado, João foi ferido na perna por uma flecha, mas no final do dia o exército bizantino obteve uma vitória esmagadora. O momento decisivo da batalha foi quando João liderou a Guarda Varangiana, composta em grande parte por ingleses, para atacar a defensiva Pecheneg wagon laager, empregando seus famosos machados para abrir caminho. A batalha pôs um fim efetivo ao Pechenegs como um povo independente; muitos dos cativos capturados no conflito foram assentados como soldados fazendeiros na fronteira bizantina. - Conflito com Veneza (1124-1126): Após sua ascensão, João II recusou-se a confirmar o tratado de seu pai de 1082 com a República de Veneza, que dera à república italiana direitos comerciais únicos e generosos dentro do Império Bizantino. No entanto, a mudança na política não foi motivada por preocupações financeiras. Um incidente envolvendo o abuso de um membro da família imperial por venezianos levou a um conflito perigoso, especialmente porque Bizâncio dependia de Veneza para sua força

naval. Depois de um ataque retaliatório bizantino a Kerkyra, João exilou os mercadores venezianos de Constantinopla. Mas isso produziu mais retaliação, e uma frota veneziana de 72 navios saqueou Rodes, Chios, Samos, Lesbos, Androse capturou Kefalonia no Mar Jônico. Eventualmente, João foi forçado a chegar a um acordo; a guerra estava custando a ele mais do que valia, e ele não estava preparado para transferir fundos das forças imperiais terrestres para a marinha para a construção de novos navios. João reconfirmou o tratado de 1082, em agosto de 1126. - Guerra com os húngaros e sérvios (1127-1129 - *cronologia incerta*): O casamento de João com a princesa húngara Piroska envolveu-o nas lutas dinásticas do Reino da Hungria. Ao dar asilo a Álmos, um cego pretendente ao trono húngaro, João despertou a suspeita dos húngaros. Os húngaros, liderados por Estêvão II, invadiram as províncias balcânicas de Bizâncio em 1127, com hostilidades que duraram até 1129; no entanto, uma cronologia alternativa foi sugerida com o ataque húngaro e a retaliação bizantina ocorrendo em 1125 com uma renovação das hostilidades em 1126. João lançou um ataque punitivo contra os sérvios, que se alinharam perigosamente com a Hungria, muitos dos quais foram presos e transportados para Nicomedia na Ásia Menor para servir como colonos militares. Isso foi feito em parte para intimidar os sérvios, a Sérvia era, pelo menos nominalmente, um protetorado bizantino, e em parte para fortalecer a fronteira bizantina no Leste contra os turcos. Os sérvios foram forçados a reconhecer a suserania bizantina mais uma vez. A campanha sérvia pode ter ocorrido entre duas fases distintas na guerra contra a Hungria. Os húngaros atacaram Belgrado, Nish e Sofia; João, que estava perto de Filipópolis, na Trácia, contra-atacou, apoiado por uma flotilha naval operando no Danúbio. Após uma campanha desafiadora, cujos detalhes são obscuros, o imperador conseguiu derrotar os húngaros e seus aliados sérvios na fortaleza de Haram ou Chramon, que é a moderna Nova Palanka; muitas tropas húngaras foram mortas quando uma ponte que estavam cruzando desabou enquanto fugiam de um ataque bizantino. Após isso, os húngaros renovaram as hostilidades atacando Branicevo, que foi imediatamente reconstruída

por João. Outros sucessos militares bizantinos, Choniates menciona vários combates, resultando na restauração da paz. Os bizantinos foram confirmados no controle de Branicevo, Belgrado e Zemun e também recuperaram a região de Sirmium, chamado Frangochorion em Choniates, que era húngaro desde a década de 1060. O pretendente húngaro Álmos morreu em 1129, removendo a principal fonte de atrito. - Guerra de atrito contra os turcos da Anatólia (1119-20, 1130-35, 1139-40): No início do reinado de João, os turcos avançavam contra a fronteira bizantina no oeste da Ásia Menor. Em 1119, os seljúcidas cortaram a rota terrestre para a cidade de Attaleia, na costa sul da Anatólia. João II e Axouch, o Grande Doméstico, sitiaram e recapturaram Laodicéia em 1119 e tomaram Sozópolis em 1120, reabrindo a comunicação terrestre com Attaleia. Esta rota foi especialmente importante porque também levou à Cilícia e aos estados cruzados da Síria. Após o fim das hostilidades com a Hungria, João conseguiu se concentrar na Ásia Menor durante a maior parte de seus anos restantes. Ele empreendeu campanhas anuais contra o emirado dinamarquês mendid em Malatya (*Melitene*) no alto Eufrates de 1130 a 1135. Graças à sua campanha enérgica, as tentativas turcas de expansão na Ásia Menor foram interrompidas e João se preparou para lutar contra o inimigo. A fim de restaurar a região ao controle bizantino, ele liderou uma série de campanhas bem planejadas e executadas contra os turcos, uma das quais resultou na reconquista da casa ancestral dos Komnenoi em Kastamonu (*Kastra Komnenon*); ele então deixou uma guarnição de 2.000 homens em Gangra. João rapidamente conquistou uma reputação formidável como destruidor de paredes, conquistando uma fortaleza após a outra de seus inimigos. Regiões que haviam sido perdidas para o império desde a Batalha de Manzikert foram recuperadas e guarnecidas. No entanto, a resistência, particularmente das remessas dinamarquesas do Nordeste, era forte, e a natureza difícil de manter as novas conquistas é ilustrada pelo fato de que Kastamonu foi recapturado pelos turcos enquanto João estava em Constantinopla celebrando seu retorno ao domínio bizantino. João perseverou, no entanto, e Kastamonu logo mudou de mãos mais uma vez. Na primavera de 1139, o imperador

fez campanha com sucesso contra os turcos, provavelmente turcomanos nômades, que invadiam as regiões ao longo do rio Sangarios, atingindo seus meios de subsistência expulsando seus rebanhos. Ele então marchou pela última vez contra os turcos dinamarqueses, seu exército avançando ao longo da costa sul do Mar Negro através da Bitínia e Paphlagonia. O regime bizantino separatista de Constantino Gabras em Trebizonda terminou, e a região da Caldia foi devolvida ao controle imperial direto. João então sitiou, mas não conseguiu tomar a cidade de Neocesaréia, em 1140. Os bizantinos foram derrotados pelas condições e não pelos turcos: o tempo estava muito ruim, muitos cavalos do exército morreram e as provisões tornaram-se escassas. - Fazendo campanha na Cilícia e na Síria (1137-1138): No Levante, o imperador procurou reforçar as reivindicações bizantinas de suserania sobre os Estados cruzados e fazer valer seus direitos sobre Antioquia. Em 1137 ele conquistou Tarso, Adana e Mopsuéstia do Principado da Cilícia Armênia, e em 1138 o Príncipe Levon I da Armênia e a maior parte de sua família foram trazidos cativos para Constantinopla. Isso abriu a rota para o Principado de Antioquia, onde Raimundo de Poitiers, Príncipe de Antioquia, e Joscelino II, Conde de Edessa, se reconheceram como vassalos do imperador em 1137. Até Raimundo II, o conde de Trípoli, apressou-se em direção ao norte para prestar homenagem a João, repetindo a homenagem que seu predecessor havia dado ao pai de João em 1109. Seguiu-se então uma campanha conjunta enquanto João liderava os exércitos de Bizâncio, Antioquia e Edessa contra a Síria muçulmana. Aleppo provou ser forte demais para atacar, mas as fortalezas de Balat, Biza'a, Athareb, Maarat al-Numan e Kafartab foram tomadas de assalto. Embora João tenha lutado muito pela causa cristã na campanha na Síria, seus aliados, o príncipe Raimundo de Antioquia e o conde Joscelino II de Edessa, permaneceram em seu acampamento jogando dados e festejando em vez de ajudar a pressionar o cerco à cidade de Shaizar. Os Príncipes Cruzados suspeitavam uns dos outros e de João, e nenhum queria que o outro ganhasse participando da campanha. Raimundo também queria manter Antioquia, que concordou em entregar a João se a campanha

tivesse sucesso na captura de Aleppo, Shaizar, Homs e Hama. Fontes latinas e muçulmanas descrevem a energia e coragem pessoal de João ao processar o cerco. A cidade foi tomada, mas a cidadela resistiu a ataques. O emir de Shaizar ofereceu-se para pagar uma grande indenização, tornar-se vassalo de João e pagar um tributo anual. João havia perdido toda a confiança em seus aliados, e um exército muçulmano comandado por Zengi estava se aproximando para tentar socorrer a cidade; portanto, o imperador aceitou a oferta com relutância. O imperador foi distraído por um ataque seljúcida na Cilícia e acontecimentos no Oeste, onde ele buscava uma aliança alemã dirigida contra a ameaça representada pelos normandos da Sicília. Joscelin e Raimundo conspiraram para atrasar a entrega prometida da cidadela de Antioquia ao imperador, agitando a agitação popular na cidade contra João e a comunidade grega local. João teve pouca escolha a não ser deixar a Síria com suas ambições apenas parcialmente realizadas. - Campanhas finais (1142): No início de 1142, João fez campanha contra os seljúcidas de Icônio para garantir suas linhas de comunicação através de Attalia (*Antalya*). Durante esta campanha, seu filho mais velho e co-imperador Aleixo morreu de febre. Tendo garantido sua rota, João embarcou em uma nova expedição à Síria determinada a reduzir Antioquia ao governo imperial direto. Esta expedição incluiu uma peregrinação planejada a Jerusalém, na qual ele pretendia levar seu exército. O Rei Fulco de Jerusalém, temendo que a presença do imperador com força militar avassaladora o obrigasse a fazer um ato de homenagem e reconhecer formalmente a suserania bizantina sobre seu reino, implorou ao imperador que trouxesse apenas uma escolta modesta. Fulco citou a incapacidade de seu reino amplamente estéril de apoiar a passagem de um exército substancial. Essa resposta morna resultou na decisão de João II de adiar sua peregrinação. João desceu rapidamente no norte da Síria, forçando Joscelino II de Edessa a fazer reféns, incluindo sua filha, como garantia de seu bom comportamento. Ele então avançou sobre Antioquia exigindo que a cidade e sua cidadela fossem entregues a ele. Raimundo de Poitiers jogou para ganhar tempo, colocando a proposta à votação da assembleia geral antioquena. Com

a estação bem avançada, João decidiu levar seu exército para os quartéis de inverno na Cilícia, propondo-se a renovar seu ataque a Antioquia no ano seguinte. - Morte e sucessão: Tendo preparado seu exército para um novo ataque a Antioquia, João se divertiu caçando javalis no Monte Touro, na Cilícia, onde acidentalmente se cortou na mão com uma flecha envenenada. João inicialmente ignorou a ferida e ela infeccionou. Ele morreu alguns dias após o acidente, em 8 de abril de 1143, provavelmente de septicemia. Foi sugerido que João foi assassinado por uma conspiração dentro das unidades de seu exército de origem latina que estavam infelizes em lutar contra seus correligionários de Antioquia e que queriam colocar seu filho pró-ocidental Manuel no trono. No entanto, há muito pouco suporte aberto para essa hipótese nas fontes primárias. A ação final de João como imperador foi escolher Manuel, o mais jovem de seus filhos sobreviventes, para ser seu sucessor. João cita duas razões principais para escolher Manuel em vez de seu irmão mais velho, Isaac: a irascibilidade de Isaac e a coragem que Manuel mostrou na campanha em Neocesária]. Outra teoria alega que a razão para esta escolha foi a profecia Aima, que predisse que o sucessor de João deveria ser aquele cujo nome começasse com um (M). Apropriadamente, o amigo íntimo de João, João Axouch, embora haja registros de que ele tentou muito persuadir o imperador moribundo de que Isaac era o melhor candidato a ter sucesso, foi fundamental para garantir que a tomada de poder de Manuel estivesse livre de qualquer oposição aberta. - O legado de João II: O historiador John Birkenmeier argumentou que o reinado de João foi o mais bem-sucedido do período Komneniano. Em O Desenvolvimento do Exército Komneniano 1081-1180, ele enfatiza a sabedoria da abordagem de João para a guerra, que se concentrava em cercos em vez de arriscar batalhas campais. Birkenmeier argumenta que a estratégia de João de lançar campanhas anuais com objetivos limitados e realistas foi mais sensata do que a seguida por seu filho Manuel I. De acordo com essa visão, as campanhas de João beneficiaram o Império Bizantino porque protegeram o coração do império, que carecia de fronteiras confiáveis, enquanto gradualmente estendia seu território na Ásia Menor. Os turcos foram forçados à

defensiva, enquanto João manteve sua situação diplomática relativamente simples, aliando-se ao Sacro Imperador Romano contra os normandos da Sicília. No geral, está claro que João II Comneno deixou o império muito melhor do que o havia encontrado. Na época de sua morte, territórios substanciais haviam sido recuperados, e as metas de recuperação do controle sobre a Anatólia central e o restabelecimento de uma fronteira no Eufrates pareciam alcançáveis. No entanto, os gregos do interior da Anatólia estavam se tornando cada vez mais acostumados ao domínio turco e freqüentemente o consideravam preferível ao de Bizâncio. Além disso, embora fosse relativamente fácil extrair submissão e admissões de vassalagem dos turcos da Anatólia, sérvios e dos Estados cruzados do Levante, converter essas relações em ganhos concretos para a segurança do Império tinha se mostrado ilusório. Esses problemas foram deixados para seu filho talentoso e inconstante, Manuel, tentar resolver.

Marido de *Irene da Hungria*, em janeiro de 1104 em Bítinia 1104, de quem teve: Eudokia Komnene; Maria Komnene; Alexios Komnenos; Andronikos Komnenos; Anna Komnene; Isaakios Komnenos; Theodora Komnena; Manuel I Komnenos e **Isaac Comneno**. Irene se converteu à fé ortodoxa depois da mudança para Constantinopla e foi renomeada Irene, a principal fonte para dos nomes dos filhos é a Crônica de Nicetas Coniates. Ela desempenhava um pequeno papel no governo, devotando-se à piedade e à grande ninhada de filhos. Irene morreu em 13 de agosto de 1134 e mais tarde foi venerada como Santa Irene.). O casamento pretendia compensar a perda de alguns territórios para o rei Coloman da Hungria.

216324 9197. IRENE DE HUNGRIA (Santa)

IMPERATRIZ CONSORTE DE CONSTANTINOPLA

SANTA. (*Piroska Eiréné Árpád-házi-da Hungria, Sainte Irène*). Nasceu em 13 de agosto de 1090 em Esztergom, Komárom-Esztergom, Hungria e faleceu em 13 de agosto de 1134 em Bítinia, Turquia. O nome Piroska foi uma derivação húngara do nome latino Prisca, que significa literalmente antigo, mas implica um comportamento sério ou grave. Sua mãe morreu em 1090 quando Piroska tinha cerca de dois anos. Seu pai morreu em 29 de julho de 1095. Ladislau foi sucedido

por seu sobrinho Coloman, que aparentemente era o novo guardião da órfã Piroska. Em um esforço para melhorar as relações com Aleixo I Comneno do Império Bizantino, Coloman negociou o casamento de Piroska com João II Comneno. Ele já era co-governante de seu pai desde 1º de setembro de 1092 e esperava-se que ele o sucedesse. As negociações foram bem-sucedidas e Piroska casou-se com João em 1104. O casamento foi registrado por Joannes Zonaras e João Kinnamos. Após sua conversão à Igreja Ortodoxa Oriental e estabelecimento em Constantinopla, Piroska foi renomeada para Irene. Irene desempenhou um papel pequeno no governo, dedicando-se à piedade e a seus muitos filhos. Ela foi, com seu marido, a patrona da construção do Mosteiro de Cristo Pantokrator. Irene morreu em 13 de agosto de 1134 e mais tarde foi venerada como Santa Irene.

216324 9200. BELA II ARPAD DA HUNGRIA **REI DA HUNGRIA - (1131/1141)**

(*Король Венгрии Бела II, Слепої, kralj Ugarske i Hrvatske Bela II, Slijepi Arpad, Vak', Béla da Hungria Árpád-házi*). O Cego. Nasceu cerca de 1108 em Esztergom, Komárom-Esztergom, Hungria e faleceu em 13 de fevereiro de 1141 em Székesfehérvár, Fejér, Hungria. Bela inicialmente parecia completamente afastado do trono, enquanto seu pai constantemente se rebelava contra o reinado de Koloman, que, após um longo período de paciência e compaixão, finalmente cegou seu irmão e o pequeno príncipe Bela para torná-los incapazes de governar. No entanto, o filho e sucessor de Koloman, Estevão II, morreu sem filhos, então um possível candidato a rei foi o já adulto Príncipe Béla, que, após a morte de seu primo, poderia assumir o trono da Hungria. Sua deficiência física e seu estilo de vida não lhe permitiram participar de assuntos cotidianos, então durante seu reinado sua esposa, a Rainha Helena, governou o país. Géza II é o mais significativo de seus filhos, e após a morte de seus dois outros filhos, Laszlo e Géza István, eles agiram sem hesitações contra o governo de seu neto, István III. – Infância: A vida de seu pai foi marcada por uma luta incessante, às vezes secreta, e às vezes aberta pela coroa húngara. Essa vida ocupada e aventureira também pesou na vida de sua

família. Dada às condições da época, a família de Bela poderia razoavelmente ter pensado que depois de um movimento imprudente por Almós, eles também deveriam ser punidos. Por volta de 1115, isso aconteceu: Após outra ação de Almós, a mando do rei Koloman, o príncipe Almós foi cegado junto com vários de seus homens e o príncipe Bela, então com apenas sete anos de idade. O príncipe Almós e Bela foram levados para um mosteiro em Dömös. Em meados da década de 1120, eles tiveram que fugir novamente. Nenhum detalhe é conhecido, mas presumivelmente Almós começou a se organizar novamente para ganhar o poder. Almós chegou a Bizâncio, mas Béla foi transferido para a Abadia de Pécsvárad por razões desconhecidas. István II recebeu a notícia de seu sobrinho escondido em Pécsvárad por volta de 1128. O rei casou-se com Ilona, filha de Uros I da Sérvia, e os estabeleceu em Tolnán. De acordo com nossas crônicas medievais, Estevão abraçou seu parente cego porque ele não tinha um filho e queria fazer de Béla seu herdeiro. Isso não corresponde à realidade, porque não é o caso. Estevão já era um sucessor designado para seu sobrinho Saul, filho do irmão de Zsófia István. Estevão II morreu no início de março de 1131. A coroação de Bela II ocorreu apenas dois meses depois. Isso sugere que houve uma batalha entre Saul e Bela pelo trono, que terminou com a vitória de Bela. Em 28 de abril de 1131, o Arcebispo Felicián de Esztergom coroou Béla II como rei da Hungria em Székesfehérvár. Com isso, a dinastia passou do ramo Koloman da casa Árpád para o ramo Almós. - Consolidando o poder, a Assembleia de Arad: A mudança de poder de um ramo para outro geralmente implica um realinhamento das relações internas de poder. Os soberanos que apoiaram Koloman e István II foram forçados a sair do poder, e aqueles que haviam apoiado Béla no passado estavam em posições de destaque. Neste caso, no entanto, presumivelmente por causa da raiva, desespero e vingança sobre a cegueira de Béla, essa mudança de poder começou com um evento sangrento. Na assembleia nacional realizada perto de Arad em 1131, as principais pessoas que poderiam ser consideradas responsáveis por cegar Béla foram brutalmente assassinadas. De acordo com as fontes, 68 lordes foram mortos no massacre. A rainha Helena teve um papel decisivo na

organização e implementação do evento. - Sua luta contra Boris: O filho ilegítimo do rei Koloman, Boris, sabendo que um rei cego estava sentado no trono húngaro, viu que tinha chegado a hora de lutar pela coroa húngara. Para isso, ele procurou um aliado na Polônia, na corte de Boleslav III. Como as relações húngaro-polonesas são hostis desde 1127, Boris foi bem recebido aqui, e os exércitos poloneses foram contra a Hungria. Bela, através do casamento austríaco de seu irmão, Ricardo III Leipzig encontrou um aliado militar em um sentinela austríaco. No artigo 1132: Em 22 de julho, durante a batalha no Vale do Rio Sajó, os exércitos húngaro e austríaco sofreram pesadas derrotas para os exércitos de Boris e Boleslau. Boris não morreu em batalha, mas não ameaçou mais o reino de Bela. - Política externa: No reinado de Béla II, a política externa húngara foi extremamente eficaz e bem-sucedida. Durante a guerra contra Boris, a guarda austríaca e a República Tcheca foram aliados de Béla através do casamento. A esposa do Príncipe de Halichi, que estava baseado em Premysl, Vladimírko (Vladimir Volodárovich, viveu entre 1104 e 1152), era filha do rei Koloman da Hungria, com o qual Béla estava em boas condições e a patrocinou por motivos de parentesco. O Príncipe de Kiev, Jaropolk II já havia sido trazido pela diplomacia hábil. Então ele praticamente cercou a Polônia com aliados da Hungria. A hostilidade húngaro-polonesa foi encerrada pelo fato de que Béla também venceu o caso do imperador alemão-romano Lothario III, cujo pedido Boleslav retirou seu apoio adicional a Boris. Bela II apoiou Ince II contra o Papa, o que lhe permitiu lidar com assuntos da igreja inteiramente independentemente sem a palavra papal. Ele poderia ter feito isso apesar do fato de que em 1106, o rei Koloman renunciou ao direito de invecção em nome de si mesmo e de seus sucessores. A bem-sucedida política externa e doméstica também permitiu que o país expandisse seu território. Em 1136, a Dalmácia Central estava novamente sob controle húngaro. Em 1137, Béla conquistou a Bósnia (*Rama*) e nomeou seu filho Laszlo, mais tarde Laszlo II, como príncipe da Bósnia. - Política doméstica: Depois dos confrontos sangrentos, o trabalho de construção começou na política doméstica. Durante a época de Béla, um escritório começou a se organizar no tribunal, que

não estava mais engajado na questão dos diplomas não apenas ocasionalmente, mas também profissionalmente. Este escritório pode ser considerado como o antecessor da Chancelaria da época de Béla III. Béla tinha um bom relacionamento com os líderes da igreja na Hungria, e fez doações significativas em benefício da Igreja. A Abadia de Pannonhalm, que pegou fogo em 1137, foi reconstruída com sua ajuda. Tudo isso contribuiu muito para a consolidação do país. Bela sempre envolveu o Conselho Real no exercício do poder. Ele não teve escolha a não ser completamente exposto ao seu entorno por causa de sua cegueira. De acordo com as fontes, pode-se supor que ele exerceu o poder não só com ele, mas com seu ambiente estreito, especialmente a rainha Helena. Béla preservou a memória de seu pai com graça: em 1137 ele trouxe seu corpo de Tâncio e o enterrou na cerimônia de coroação em Székesfehérvár. O rei cego experimentou eventos com sua família de forma mais profunda e sensível do que o habitual na época. Graças a uma fonte estrangeira, suas palavras de despedida à filha de Sophia, que partiu para a corte imperial (a partir de 1139), foram preservadas: *"Senhor do céu e da terra, você vê tudo, e eu não consigo ver nada. Por sua ordem, porque era assim que você queria, eu fiquei cego. [...] Ela é minha única filha. [...] hoje eu vou casá-la com ele [...] será entre você e eu, um acordo tão forte, meu Deus, que você nunca vai deixá-lo."* Na Corte Imperial da Alemanha e de Roma, a princesa Sophia, do que eles consideravam ser uma família real húngara sem educação, foi tratada de forma cruel e humilhante, e depois de seu noivado ela foi levada a um convento. Bela não entendia mais isso. – Morte. Bela II morreu em 13 de fevereiro de 1141. Foi enterrado em Székesfehérvár, o local de sua coroação. Seus ossos foram identificados em 2019. Análise prévia de DNA de ossos de escavações em Székesfehérvár do século XIX preservada na igreja de Matthias confirmou que uma das pessoas, que provavelmente descansou à esquerda do túmulo ao lado de Béla III, havia sido submetida às seguintes informações: O parente de Bela, e o teste de radiocarbono subsequente restringiram a pessoa potencial como sendo o avô de Bela.

Marido de *Helena da Sérvia* de quem teve: Elisabete da Hungria; **Geza II da Hungria**; Laszlo II da Hungria; Estevão IV da Hungria; Álmos da Hungria e Zsafia Árpád da Hungria, freira de Admont.

216324 9201. HELENA DA SÉRVIA

RAINHA CONSORTE DA HUNGRIA

(*Јелена, Ilona Vukanovic, Nemanjic, Ilona magyar királyné, Jelena Urošević, Helena de Rascia*). Nasceu em 1115 em Stari Ras, Raska, Sérvia e faleceu em 1146 em Székesfehérvár, Fejér, Hungria. Foi rainha da Hungria como esposa do rei Béla II. Após a morte de seu marido, ela governou a Hungria como regente de 1141 a setembro de 1146 junto com seu irmão, Beloš, durante a minoridade de seu filho mais velho, Géza II- Vida pregressa: Helena era filha do Grande Príncipe sérvio Uroš I da dinastia Vukanovic e da princesa bizantina Anna Diogene. Seu pai havia participado da Guerra Bizantina-Húngara (1127-1129), ao lado do Rei Estêvão II da Hungria. O exército húngaro destruiu Belgrado bizantino e penetrou em Naissos (*Niš*), Serdica (*Sofia*) e Philippopolis (*Plovdiv*). Por volta de 1129, o rei Estêvão II arranhou o casamento dela com seu primo Béla, que ficara cego por ordem do pai do rei, o rei Coloman da Hungria. Béla e seu pai Almos foram cegados, para serem retirados da linha de sucessão. No entanto, o rei Estêvão não tinha filhos e decidiu reconhecer Béla como seu sucessor. Uroš I havia sofrido antes tanto com a Hungria quanto com Bizâncio, então ele fez amizade com o rei húngaro. O rei Estêvão II concedeu propriedades perto de Tolna para o casal recém-casado. - Rainha consorte: Após a morte do rei sem filhos, seu marido foi coroado rei da Hungria em 28 de abril de 1131. A rainha Helena teve grande influência sobre seu marido e sobre o estado húngaro. Ela foi de grande ajuda para o marido e governou o estado durante seu governo. Ela era leal ao marido e ao estado, e foi ela quem convenceu os nobres em uma assembléia em Arad para executar 68 aristocratas húngaros que conspiraram com o rei Coloman para cegar seu marido. Segundo fontes contemporâneas, ela estava assistindo à execução com seu filho Bela, a fim de garantir a morte dos inimigos de seu marido. Ela instalou-se na ilha de Csepel e em Ráckeve, onde construiu um mosteiro e uma igreja que ainda hoje existem. - Regência: Quando seu

marido morreu em 13 de fevereiro de 1141, seu filho mais velho Géza II ainda era uma criança, portanto, Helena e seu irmão Beloš Vukanovic governaram o Reino da Hungria até setembro de 1146, quando Géza II atingiu a maioridade. Beloš foi Palatino da Hungria, o oficial de mais alta patente, de 1141 a 1161, e Ban da Eslavônia de 1146 a 1157. Helena continuou a exercer grande influência no governo e com a ajuda de seu irmão, a Hungria tinha boas relações e paz em suas fronteiras ao sul. No período da morte de Bela, as relações germano-húngaras foram rompidas e o noivado de Henric e Sophia, filha de Helena, cancelado. Sophia fez os votos monásticos e tornou-se abadessa em Admont, na Estíria. - Regra de Géza II e consequências: Durante o governo de Géza II, Estêvão IV e Ladislau II não estavam satisfeitos com seus títulos e posses, por isso buscaram ajuda com os imperadores do Sacro Império Romano e Bizantino. As conspirações contra Géza II não tiveram sucesso e, após sua morte (1161), Manuel I Comneno viu uma boa oportunidade para expandir a influência bizantina na Hungria. Manuel ajudou a destronar Estêvão III, filho de Géza II, e colocar primeiro Ladislau II e depois Estêvão IV por um curto período. Finalmente, Estêvão III assegurou o trono em 1163. Acredita-se que a rainha Helena morreu em 1161. - Na maioria das vezes, muito poucas rainhas húngaras medievais desempenharam um papel na política. Uma exceção é Helena da Sérvia, também conhecida como Helena de Rascia. De origem ortodoxa oriental, Helena se converteu ao catolicismo com o casamento. Seu dote incluía parte do norte da Sérvia. Seu marido, Bela, era primo de primeiro grau do rei Estêvão II da Hungria. Quando Bela era criança, ele e seu pai Almos foram cegados por ordem de seu tio, o rei Coloman da Hungria, para que pudessem ser removidos da sucessão. No entanto, o filho de Coloman, Estêvão II da Hungria, permaneceu sem filhos, então ele reconheceu Bela como seu herdeiro. Estêvão II morreu em 1131 e Bela foi coroado rei Bela II da Hungria. Por ser cego, Bela confiava fortemente nas pessoas mais próximas a ele, especialmente Helena e seu irmão, Belos, que a seguiram até um corte húngara. Helena e Belos estavam muito comandados na administração da Hungria, provavelmente mais do

que o próprio Bela. Bela até considerava Helena como sua co-governante. A primeira ação de Helena como Rainha é aquela pela qual ela é mais conhecida. Logo após a ascensão do marido ao trono, Helena convocou um conselho na cidade de Arad. Lá, ela se vingou dos homens que haviam conspirado com o rei Coloman para cegar seu marido. Esses homens ainda pareciam se opor a Helena e Bela, e ela estava determinada a remover seus rivais. Helena ordenou a execução de 68 nobres húngaros, que ela acreditava serem os responsáveis pelo cegamento de Bela. A própria Helena assistiu às execuções com o marido e pelo menos um dos filhos. A data exata desse evento é incerta; alguns dizem que foi em 1131, logo após a ascensão de Bela. Outros afirmam que os quatro filhos de Helena e Bela estiveram presentes, fazendo com que o evento ocorresse pelo menos quatro anos após o casamento de 1129. O filho mais velho, Geza, é conhecido por ter assistido às execuções. Ele sucedeu como Geza II da Hungria em 1141. Seguindo-o estavam mais três filhos, Ladislau, Estêvão e Almos. Dos filhos de Helena, Almos morreu na infância, e Ladislau e Estêvão eram candidatos ao emprego húngaro contra o filho de Géza, Estêvão III. As duas filhas de Helena eram Elizabeth, que se casou com Mieszko III, duque da Grande Polônia, e Sofia, que estava noiva de um filho de Conrado III da Alemanha, mas se tornado freira. Bela II da Hungria morreu em 13 de fevereiro de 1141. Desde seu filho mais velho, Geza tinha apenas onze anos, Helena tornou-se o regente ao lado de seu irmão, Belos. Cinco anos depois, em setembro de 1146, Géza atingiu a maioridade e iniciou seu governo pessoal. Helena ainda vivia neste ponto, mas o que aconteceu com ela depois disso é incerto. Ela parece ter morrido antes de 1157, com base em um documento de seu filho, mas também se acredita que ela pode ter vivido até 1161. Helena foi a única rainha consorte arpadiana conhecida por ter agido como co-governante de seu marido. A educação, a inteligência e o caráter determinado da Rainha Helena a tornaram capaz de aparecer praticamente como co-governante do país ao lado de Béla. De acordo com os diplomas, as pessoas do país estavam cientes de que havia duas pessoas no país. O

casal governante também garantiu a continuação da dinastia Arpad, que estava quase ao destino da extinção em 1131.

216324 9202. MSTISLAV I DE KIEV

GRANDE PRÍNCIPE DE KIEV - (1125/1132)

(*Великий Князь Киевский Мстислав Владимирович, Kijevo Kunigaikštis Mstislavas Vladimiraitis, Wielki Książę Kijowski Mscisław I Włodzimierowicz, veliki knez Kijevski Mstislav I, Mstislav I Vladimirovich, Harald, Theodore*). O Grande. Nasceu em 1 de junho de 1076 em Turivs'ka St, Kiev, Ucrânia e faleceu em 14 de abril de 1132 em Kiev, Rússia e foi enterrado em Kiev, Rússia. Ele é figurado com destaque nas Sagas nórdicas sob o nome de Harald, em alusão a seu avô, Harold II da Inglaterra. O nome de batismo de Mstislav era Theodore. Mstislav nasceu em Turov. Como futuro sucessor de seu pai, ele reinou em Novgorod, o Grande, após uma breve passagem por Rostov. Posteriormente, ele foi o co-governante de Monomakh em Bilhorod Kyivskyi, e herdou o trono de Kyivan após sua morte. Ele construiu várias igrejas em Novgorod, das quais a Catedral de São Nicolau (1113) e a catedral do Claustro de Santo Antônio (1117) que sobrevivem até os dias atuais. Mais tarde, ele também ergueria igrejas importantes em Kiev, notadamente o sepulcro de sua família em Berestovo e a igreja de Nossa Senhora em Podil. A vida de Mstislav foi gasta em guerra constante com cumanos (1093, 1107, 1111, 1129), estonianos (1111, 1113, 1116, 1130), lituanos (1131) e o principado de Polotsk (1127, 1129). Em 1096, ele derrotou seu tio Oleg de Chernigov no rio Koloksha, lançando assim os alicerces para os séculos de inimizade entre seus descendentes e os de Oleg. Mstislav foi o último governante da Rússia unida e, após sua morte, como disse o cronista, a terra da Rússia foi dilacerada. Ele morreu em Kiev, aos 55 anos.

Marido, em 1095, de Kristina Ingesdotter, Princesa da Suécia de quem teve: Malmfred Mstislavna de Kiev; Agafya de Kiev; Izyaslav II Mstislavich de Kiev; Kseniya de Kiev; Ingeborg de Kiev; Vsevolod Mstislavich de Kiev; Dobredeya (Irina) Evpraksia de Kiev e Mstislavna de Kiev. Christine morreu em 18 de janeiro de 1122, no final daquele ano Mstislav casou-se novamente, com *Liubava*